

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ/RJ
Programa de Pós-Graduação em Educação – PROPED

O Riso na Prática de Filosofia com Crianças

Leila Lurdes Gerlach Riger

RIO DE JANEIRO – RJ
JULHO/2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

DISSERTAÇÃO APRESENTADA À COMISSÃO EXAMINADORA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, COMO REQUISITO PARCIAL À OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM EDUCAÇÃO NA ÁREA CONHECIMENTO, AUTONOMIA E PARTICIPAÇÃO, NA LINHA EDUCAÇÃO, FILOSOFIA E INFÂNCIA, SOB ORIENTAÇÃO DO PROF. DR. WALTER OMAR KOHAN.

O Riso na Prática de Filosofia com Crianças

Leila Lurdes Gerlach Riger
M0414295

COMISSÃO EXAMINADORA

PROF. DR. WALTER OMAR KOHAN
ORIENTADOR

PROF. DR. ANGELA MARIA SOUZA MARTINS
EXAMINADORA EXTERNA

PROF. DRA. VERA MARIA RAMOS DE VASCONCELLOS
EXAMINADORA UERJ

RIO DE JANEIRO-RJ, 25 DE JULHO DE 2006

À memória de meus *Großeltern* paternos, *Großmutter* Eli Hermes Riger e *Großvater* Roberto Riger, e meus *Großeltern* maternos *Großmutter* Elga Winther Gerlach e *Großvater* Bertoldo Antonio Gerlach.

**Dedico às mulheres fortes, guerreiras, belas e, sobretudo, femininas:
Adelia Gerlach Riger, Geni Verônica, Débora Magno Bento,
Ruth Léa, Ana Paula Bragaglia, Rosa Farias,
Suzana Kosawa, Ana Bárbara, Andréa Luiza,
Carolina Machado, Bárbara Lacerda,
Neide Ana e Célia.**

Agradeço,

Ao meu orientador Professor Doutor *Walter Omar Kohan*, que durante minha trajetória soube “endurecer sem perder a ternura jamais” e re-significou o conceito de orientador.

Ao meu pai *Alcido*, mãe *Adelia*, meus irmãos *Tovar*, *Fábio* e *Christian* que sempre souberam ser uma família para mim.

À Débora pela amizade incondicional no samba, no funk, na vida... E, acima de tudo, pela autenticidade nos seus ideais e sonhos.

À Rosa pela desconfiança inicial, pela inquietude filosófica e sede insaciável de saber.

À Ana Paula pela conversas sobre ansiedade e desejos que deram um fôlego inesperado.

À Ruth Léa pela mão sempre estendida e pelo colo protetor: humana, demasiadamente humana.

Ao Victor pelos rompantes adolescentes, insatisfação singular e pela ingenuidade necessária.

À Suzana e Andréa, exemplos de luz e cor, tranqüilidade e desassossego: alegria que não deixa acomodar.

À Célia que sabe iluminar, proteger e fortalecer.

À Ana Bárbara que da maneira mais *pink* possível e com sotaque inconfundível sabe ser amiga.

Ao Silvio companheiro de caminhada, pelo amor-amigo e sua sensatez irretocável.

Aos colegas do Colégio A. Liessin de Botafogo e da Barra, pela compreensão e humanidade nos momentos precisos.

Ao colégio Notre Dame-Ipanema, na pessoa da Ir. Lurdes, pelo incessante incentivo e colaboração.

Aos integrantes do NEFI pelos encontros regados de “comilanças”, discussões, e compromisso com o pensamento.

Ao CNPq pelo apoio em forma de bolsa de estudos.

Às crianças aqui representadas pelos meus sobrinhos Tiago e Eduardo, pela caça às formigas, pelos banhos de chuva escondidos, *corujiças* e, principalmente, pelo deslumbramento, estranheza e inquietação.

Em especial para os meus pais “pretos” Geni Verônica e João Lúcio, por abrirem as portas da casa e do coração, pela cumplicidade impúblicável, pelos puxões de orelha e pelas aulas de *carioquês*.

Para Fernando, pelo amor, pelo denço e pelo eterno conselho: *fique tranqüila!*

Resumo

Esta pesquisa teve como propósito investigar o movimento do pensar no espaço de Filosofia com Crianças, considerando o Riso como recurso motivador e potencializador do pensamento. A investigação deu-se no ano de 2004/2005 com a observação das atividades de Filosofia com as crianças do primeiro segmento do Ensino Fundamental, de duas escolas da rede privada de ensino do Rio de Janeiro, RJ.

As observações foram apontadas em forma de relatório a cada encontro com as crianças, e tiveram como questão norteadora: o que pode o Riso enquanto expressão de pensamento?

Nesse sentido, no trajeto da pesquisa, observou-se que o Riso estava presente em todas as etapas do estabelecimento das Comunidades de Investigação e, portanto, demarcou o fio condutor do estudo.

Como suporte teórico para as observações interpelamos alguns diálogos de Platão onde os interlocutores riam ou discutiam o Riso, as teorias de Aristóteles, Kant e Hegel, e por fim, as idéias e o Riso de Gilles Deleuze. Como base para pensar a filosofia com crianças revisitamos os pressupostos de Matthew Lipman e o programa de *Filosofia Para Crianças*.

Constatamos o Riso como um modo de pensamento e como potência para o movimento do pensar dentro do espaço observado, e como novidade da educação sugerimos o Riso como uma habilidade cognitiva a ser incorporada às demais habilidades cognitivas em *Filosofia para Crianças*.

Abstract

This research had the purpose of investigate the motion of thinking on the space of Philosophy with Children considering Laugh as a source for thinking. The investigation was placed in 2004/2005 with the observation of activities of Philosophy with children on the first segment of elementary school in two educational institutions of Rio de Janeiro, RJ.

The observations were pointed out as a report in every encounter with children, and it had a guiding question: what can Laugh do as a mind process? Starting from that point, in the research it was observed that Laugh was present in all stages of the Communities of Inquiry and, therefore, marked the first thread of the study.

As a theory backup for observations, some dialogues of Plato were studied. There, some interlocutors laugh and discuss about Laugh. Also theories from Aristotle, Kant, Hegel, and Gilles Deleuze were considered. As a basis for thinking philosophy with children, we considered some theoretical presuppositions of Matthew Lipman and his program of Philosophy for Children.

We confirmed Laugh as a way of thinking and as a capacity to produce thinking. Laugh is also capable of introducing something new in education: a cognitive ability to be incorporated as another cognitive skill in Philosophy for Children.

Desafio

Autoria: Apparicio Silva Rillo

Há um potro dentro de mim, pedindo cancha.

Sinto-lhe o bater do coração inquieto
como um tambor a rufar em véspera de peleia braba.

No meu olhar o seu olhar de fogo se confunde
na ânsia de devassar a vastidão de todos os caminhos
que os seus cascos de bronze e asas não pisaram.

Potro de sangue ancestral,
telúrico em seu ímpeto selvagem,
maior porque contido no seu lance
como um cartucho que sente o gatilho pronto para o tiro.

Tudo o que fica além de meu passo de nômade prisioneiro,
tudo o que não alcança o meu braço de músculos dormidos,
tudo o que meu olhar não presente na distância
- isso tudo a chamá-lo,
tudo a chamá-lo
como um toque de cencerro no silêncio da noite.

Seus ouvidos de animal selvagem
são sensíveis ao apelo da distância,
ao apelo da noite,
ao grito dos que rompem cancelas e aramados
para abrir a golpes de audácia o seu caminho de aventuras.

Há um potro dentro de mim, pedindo cancha...

No laço de chegada,
que fica sempre além,
e ainda mais além,
e sol não se põe nunca,
para vestir de ouro os que tiveram pata
para engolir todo o estirão da raia
que é um desafio de léguas pela frente.

Mas como custa arrebentar o laço
do andarivel de partida desta cancha!

SUMÁRIO

UM COMEÇO.....	12
1. O RISO QUE PENSOU E FOI PENSADO POR PLATÃO, ARISTÓTELES, KANT, HEGEL E DELEUZE.....	14
1.1.O Riso nos <i>Diálogos</i> de Platão.....	14
1.1.1.O Riso no <i>Fédon ou da alma</i> : replicância, provocação, postura, desvendamento.....	16
1.1.2.O Riso no <i>Banquete</i> : vigiado, ridículo, ignorante.	21
1.1.3.O Riso na <i>Apologia de Sócrates</i> : zombateiro, pretensioso.	24
1.1.4.O Riso no <i>Górgias</i> : refutação, ignorância.....	25
1.1.5.O Riso no <i>Teeteto</i> : constrangedor, estratégia, argumento.....	26
1.1.6.O Riso na <i>República</i> : sardônico, desenfreado, violento.....	27
1.2. O Riso como erro em Aristóteles.....	31
1.3. O Riso na <i>Crítica da Faculdade do Juízo</i> de Kant.....	33
1.4. O Riso na <i>Estética</i> de Hegel.....	37
1.5. O Riso de Deleuze: pensamento atravessado.....	38
2. O RISO E SUA RELAÇÃO COM O PENSAMENTO.....	43
2.1.Ironia.....	50
2.2.Humor.....	52
2.3.Alegria.....	54
2.4.Cômico.....	55
3. O RISO E A PRÁTICA DE FILOSOFIA COM CRIANÇAS.....	57
3.1. O <i>Programa Filosofia para Crianças</i> de Matthew Lipman.....	58
3.2. Filosofia e crianças: relatos de uma aproximação.....	61
3.2.1.Relatos de colocações feitas por crianças das séries iniciais do ensino fundamental durante a implantação de filosofia para crianças.....	63
3.2.2. Atividades de preparação para as Comunidades de Investigação.....	63
3.2.3. Comunidade de Investigação em Ação.....	75
4. O RISO NA COMUNIDADE DE INVESTIGAÇÃO.....	80
4.1. O ato de rir e a forja de significado.....	81
4.2. O Riso como instrumento filosófico para pensar o pensamento.....	85
5. Considerações finais, sem a intenção de concluir... ..	88
6. Referências bibliográficas.....	90
7. Anexos	
a) Desenhos do 1º Momento da construção da Comunidade de Investigação.....	95
b) Desenho do 1º momento da Construção da Comunidade de Investigação.....	96
c) Desenhos do 1º momento da Construção da Comunidade de Investigação.....	97
d) Fotos do 3º momento da Comunidade de Investigação.....	98
e) Cenas do filme do 3º momento da Comunidade de Investigação.....	99
f) Desenhos que promoveram a Comunidades de Investigação Reflexiva sobre o Riso.....	100

UM COMEÇO

Por que essa obsessão que nos obriga a debruçar sobre escritos alheios e, durante semanas, meses, anos, articular palavra com palavra a fim de construir um edifício de pensamento, onde possamos caminhar como se cortássemos uma cidade estranha e familiar? (...) o filósofo empresta sua voz fiel e deformante aos textos chamativos do passado, com o intuito de elaborar um novo discurso que foge de sua subjetividade para apresentar-se como um pensamento objetivo.
Arthur Gianotti¹

Se eu não tenho uma idéia, não me sento à mesa. O que pode acontecer é que a idéia não esteja precisa, que ela me escape, que eu tenha buracos de memória. Eu tive e tenho esta dolorosa experiência, sim.
As coisas não fluem. Idéias não nascem prontas. É preciso fazê-las e há momentos terríveis em que se entra em desespero achando que não se é capaz.
Deleuze²

Essa pesquisa lança mão de uma hipótese, a saber, que o Riso³ ajuda a interpretar e compreender o mundo e que há uma relação do Riso com o pensamento e o movimento do pensar na prática de Filosofia com Crianças que pode vir-à-ser a novidade da Educação.

Para tal o nosso ponto de partida no capítulo I será dado na História da Filosofia onde analisaremos o Riso através de alguns filósofos. Porém, “qual a maneira de seguir grandes filósofos, repetir o que eles disseram, ou então *fazer o que eles fizeram*, isto é, criar conceitos para problemas que mudam necessariamente?”⁴ Trataremos de pinçar o conceito de Riso dos escritos de Platão, Aristóteles, Kant, Hegel, e Deleuze e elaborar uma exegese para cada momento em que o Riso se fizer presente. No capítulo II abordaremos, inicialmente, o Riso e os conceitos que o envolvem ou o fazem envolver, a saber: o cômico, a ironia, o humor e a alegria e, depois, a sua relação com o pensamento considerando os estudos e teses (apontadas no capítulo I), na busca da criação do conceito de Riso dentro do âmbito da Educação, desterritorializando os filósofos. No capítulo III, diligentemente, pensaremos o Riso dentro de um contexto particular da Educação: na prática de Filosofia entre Crianças, mais exatamente

1 GIANOTTI, José Arthur. Por que filósofo. *Estudos Cebrap*, n. 15. São Paulo: Cebrap, jan./fev./mar de 1976, pp. 144-148.

2 DELEUZE, Gilles. "L'abécédaire de Gilles Deleuze". Paris: Editions Montparnasse, 1997. Vídeo. Editado no Brasil pelo Ministério de Educação, "TV Escola", 2001.

3 Peço licença para escrever doravante a palavra Riso como nome próprio, com letra maiúscula. Dentro de citações colocarei as palavras riso, rir, risível e demais variáveis do Riso grifadas.

4 DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 1993/1, p. 41.

enquanto recurso a partir de relatos de atividades com alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental.

O desafio desta pesquisa é, em certa medida, propor um prolongamento do pensamento sobre o Riso, a Filosofia, a Educação e a Infância. Não é demais repetir que queremos pensar usando conceitos e argumentos da filosofia de Platão, Aristóteles, Kant, Hegel e Deleuze e a experiência na prática de Filosofia entre Crianças. Talvez seja exigir demais que um arcabouço teórico sustente algumas hipóteses, mas, e se fosse possível, o que poderíamos então? O fato de ser difícil e problemático falar do Riso faz com que pareça ser possível afirmar qualquer coisa. Abusaremos dessa estratégia e das metáforas no decorrer da escrita. O Riso pode ser compreendido como não sendo somente metáfora; pois é evidente que esse conceito não é usado na maioria das vezes de acordo com aquilo que chamamos de seu sentido próprio. Ele pode produzir um pensamento sem pensamento. Ser um acontecimento na fronteira da linguagem, “não a espada, mas o brilho da espada, o brilho sem espada, como o sorriso sem gato.”⁵

Ao longo deste estudo nós encontraremos problemas não resolvidos e proposições que são poderosamente sugestivas, mas que talvez não sejam claramente e rigorosamente delimitadas. O que se faz importante e por que não, instigante, é trabalhar o conceito de Comunidade de Investigação com um parceiro inusitado: Deleuze⁶. O pensador é notadamente avesso, hostil à idéia de comunicação. Um encontro forçoso entre pensamentos para investigar as propostas de uma nova problemática de pesquisa.

Será um muro de pedras livres, que nos levará por desfiladeiros e, quiçá, por paisagens que desvelam a novidade da Educação.

5 DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997, p.32.

6 Deleuze (1925-1995), filósofo francês que pensa a Filosofia como criação de conceitos e a comunicação como excesso de repetição. Para o nosso intuito, é interessante o conceito de ‘diferença’ como espaço para o novo do pensamento, e o conceito de ‘agenciamento’, que é ‘uma multiplicidade que comporta muitos termos heterogêneos e que estabelece ligações, relações entre eles, através das idades, sexos, reinos - de naturezas diferentes. Assim, a única unidade do agenciamento é o co-funcionamento: é a simbiose, uma "simpatia"’.

1. O RISO QUE PENSOU E FOI PENSADO POR PLATÃO, ARISTÓTELES, KANT, HEGEL E DELEUZE.

O Riso foi tomado como objeto do pensamento desde a Antigüidade por muitos filósofos. O tema sempre permeou direta ou indiretamente as discussões filosóficas. A Filosofia, contudo, não privilegia o Riso. O Riso, em contrapartida, se atravessa na Filosofia dando-lhe viço. As origens do pensamento sobre o Riso estão em Platão, Aristóteles; a função do Riso está em Bergson; o limite e o advento do Riso em Kant; também o Riso do triunfo em Hegel e o Riso como pensamento atravessado em Deleuze.

Cada filósofo percorre seu caminho de acordo com os seus métodos ou a ausência deles. Deleuze, por exemplo, torna-se estrangeiro em sua terra de conceitos. Para falar sobre o Riso, ele desterritorializa-se, desloca-se, sem se mover, sobrevoa vários conceitos: fidelidade, amizade, cômico, alegria, demência, loucura, gestos, charme, felicidade. Tentaremos fazer o mesmo. De Platão a Deleuze, com paradas estratégicas em Aristóteles, Kant e Hegel. De previamente definido há apenas a intenção de conseguir abordar o Riso rondando algumas discussões onde ele aparece com o papel principal como em Aristóteles, ou como coadjuvante em Deleuze.

1.1. O Riso nos *Diálogos* de Platão.

Não hesito em tudo dizer diante de vós, porque sabeis por experiência o que são a vertigem e a loucura produzidas pela filosofia.

Platão

E não serão também válidas essas considerações com respeito ao *risível*? Muita chocarrice que te envergonharias de fazer, causam-te singular satisfação quando representadas nas comédias ou contadas numa roda de conhecidos, sem que as rejeites por indecorosas. Há perfeita analogia com o caso das lamentações. Aquele desejo de fazer *rir*, que reprimias por meio da razão, de medo de passares por palhaço, agora vai de rédeas soltas; mas, depois de fortalecido, muitas vezes, sem que o percebas, obriga-te, até mesmo em casa, a fazeres o papel de truão.

Platão

A nossa investigação iniciará por Platão. Seria exagerado afirmar que o filósofo fez do Riso uma temática para os seus *Diálogos*, então nos ateremos aos momentos em que ele fazia do Riso uma ação, ou seja, extrairemos de algumas das suas obras as citações onde o conceito de Riso se faz presente para tentar a partir dessa estratégia, arrancar uma provável origem do Riso no pensamento e as marcas que pode ter impingido a esse. Platão confere em várias passagens de seus *Diálogos* espaço para o Riso, o ridículo, o rir e o risível, contudo, não como algo aparentemente, fundamental. Estes conceitos estão geralmente “fixados” em acaloradas discussões que não remetem diretamente ou necessariamente a uma elucidação do que eles representam naquele momento ou em qual problema podemos situá-los. Pretendemos tornar essa “fixação” em algo móvel, deslocar para verificar se esse movimento dará um novo sentido na discussão que propomos sobre o Riso. Não se pretende, de maneira alguma, ampliar a discussão central dos *Diálogos* – mas apontaremos do que eles tratam como cuidado ao leitor -, e sim, perceber o que deixou de ser dito ou o excesso de dizer que foi substituído pelo Riso. Perseguiremos e enfatizaremos os momentos em que o filósofo ri ou faz rir para tentar elucidar se é possível afirmar que o Riso excede as suas funções e definições e pode ser assegurado como uma novidade do pensamento. Entendemos que nos enveredando por esse caminho é possível demonstrar que o Riso é uma forma de pensar que é expulsa do corpo. O fato das obras de Platão serem escritas em forma de diálogo, onde a postura dos participantes muitas vezes adversários de debate é descrita, fornece um material singular que será o nosso fio condutor. A possível observação das combinações do discurso (pergunta, resposta, refutação) e da postura dos debatedores ou de algo que sempre esteve em seu lugar, mas não foi pensado como provocador do Riso é a nossa intenção de sentido na escolha de Platão.

Possivelmente, excetuando brevíssimas passagens dos diálogos *Górgias* e *República*, onde o Riso é abordado como parte da discussão, nos demais diálogos aqui estudados, escolhidos unicamente por afinidade acadêmica, a saber, o *Fédon ou da alma*, o *Banquete*, a

Apologia de Sócrates e o *Teeteto*, o Riso passa quase que imperceptível, e é nessa tênue aparição que pretendemos também, reconstituir uma admissível definição do Riso enquanto algo que expressa o pensamento. O que não significa que exista uma definição que não está a contento ou então que ela inexistia nos Diálogos, e sim que pensar uma aproximação do Riso com o pensamento pode ser interessante para refletir o movimento do pensar do quarteto: Educação, Filosofia, Política e Infância. Porém essa tentativa de aproximação não deve ser entendida como se o Riso é o que há de mais próximo da Educação, da Filosofia, da Infância, da Política ou de temas e pensamentos explícitos nos diálogos platônicos. O que aproxima não é somente o que se tem mais próximo, e, por exemplo, a questão do Riso ser aparentemente distante da temática central dos diálogos de Platão pode constituir uma aproximação que desloca o eixo para outro lugar, ou um não-lugar ou ainda, uma linha com territórios que podemos freqüentar. O que se pensa ser interessante está na diferença no que ela, essa linha de fuga permite, no movimento que conecta o Riso à Educação, à Infância, à Política, quando há agenciamentos. Todo agenciamento é coletivo, e é em primeiro lugar territorial. É preciso descobrir a territorialidade que o envolve.

1.1.1. O Riso no *Fédon ou da alma*: replicância, provocação, postura, desvendamento.

Começaremos com Platão na obra *Fédon ou da alma*, que relata o julgamento e morte de ‘Sócrates’ e onde também se discute sobre a imortalidade da alma, como um território possível para pensar o Riso. Esse diálogo apresenta ‘Sócrates’ nos momentos finais - no dia da sua morte -, aqui em uma conversa entre ‘Fédon’ e ‘Equécrates’:

(Fédon) – (...) À idéia de que aquele homem ia morrer, produzia-se em mim um extraordinário misto de pena e prazer, e o mesmo se produzia em todos os presentes. *Tanto ríamos quanto chorávamos*, sobretudo um de nós, Apolodoro, certamente já o conheces.

(Equécrates) – Como não iria conhecê-lo?

(Fédon?) – Era o que mais mostrava essa diversidade de sentimentos. Quanto a mim, estava muito perturbado como todos os demais.⁷

O Riso de ‘Fédon’ e de seus companheiros parece fazer parte da idéia de morte do mestre – a morte nada mais é do que a liberação, a separação da alma e do corpo -, e não algo que sucede a idéia⁸. O Riso vem permear a idéia e possivelmente aprimorar a mesma, como “dentro” do modelo, do ideal de morte. O Riso como produção e ao mesmo tempo como produzido. Resultado da projeção, antecipação e certeza de algo. Como o “aquilo” que pode ser a demonstração tanto do “sentir pena” mesclado com o “sentir prazer”⁹, ou apenas a manifestação de um dos dois. E, numa terceira hipótese, o Riso com a possibilidade (ou pretensão) de ser também uma sensação ou sentimento em si, fazer parte, ser componente da “variedade de sentimentos”.

Dado o Riso, em oposição ao choro, ele não inclui, e, contudo não exclui a aversão ao choro, permite proporcionalidade com ele. Proporcionalidade de dimensão, extensão, grandeza, volume e tudo mais.

Somente o Riso de ‘Apolodoro’: Desvendamento? Indicação da dessemelhança de sentimentos? O Riso de ‘Fédon’ e dos demais amigos de ‘Sócrates’: resultado de perturbação? Por que não apenas rir? Por que não apenas não chorar? O Riso da ignorância. O Riso pela falta. Falta de clareza dos discípulos acerca da idéia de morte e da idéia que ‘Sócrates’ fazia da morte, da sua própria morte. O Riso pelo excesso. Excesso de confiança nas palavras socráticas, na segurança do que era dito. Se você ri do que ignora então o Riso tem a ver com o conhecimento pela ausência deste.

O Riso como potência, tomando o lugar do choro, impondo a ausência do choro. O Riso como concessão, oferecendo espaço e tempo ao choro. Os dois permanecendo ali. A não-

7 Platão. *Fédon ou da alma*, 59 a-b . Grifos meus.

8 Este termo foi empregado por Platão como a espécie única intuível numa multiplicidade de objetos. Como unidade visível na multiplicidade, têm caráter privilegiado em relação à multiplicidade, pelo que é freqüentemente considerada a essência ou a substância do que é múltiplo e, por vezes, como o ideal ou o modelo dele. ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins fontes, 1999, p. 524.

9 Ato de um hábito conforme a natureza. Hábito é a disposição constante. N. Abbagnano. Op. cit., 1999, p. 786. Mais sobre pena e prazer na República, IX, 583ss.

lacuna entre ambos. O “extraordinário” nisso: a não-intercessão, o não-intermédio, a não-mediação. Tanto o “um” quanto o “outro”, sendo o Riso o um e o choro o seu outro. Há possessão do Riso. Qual o domínio do Riso?

Passagem ou volta: ‘Sócrates’ lembrado por ‘Fédon’, contado por ele. Momento do relato: A ironia socrática¹⁰ com ‘Símias’ e ‘Cebes’:

E tendo em vista que há pessoas para as quais o melhor seria estarem mortas, verás como coisa muito surpreendente que não se permita àqueles que preferem a morte à vida matar-se e que sejam obrigadas a esperar por outro liberador.

Que Zeus o veja! – Cebes *sorrindo*, replicou segundo o modo usual de seu país.¹¹

O replicar de ‘Cebes’ acompanhado de sorrisos ou a replicância em forma “de”. Pode haver contestação, objeção, contraposição. Independente do que há, se há, está na exclamação ou no sorrir¹²? ‘Cebes’ sorrindo é uma manifestação de um ato de benevolência, de simpatia ou de uma dose da ironia socrática previamente aprendida com o mestre para com o mestre? Sorrindo ‘Cebes’ está aplicando o método socrático, está filosofando? Afirmando um não quero negar o outro. O sorriso é o que substantiva o ato de rir ou sorriso é o ato de algo?

O Riso que persegue o ridículo ou que se deixa perseguir, mas não é acuado por ele, sequer constrangido. O Riso que não se refreia:

Os homens ignoravam que os verdadeiros filósofos trabalham durante toda sua vida na preparação de sua morte e para estarem mortos, sendo assim, seria ridículo que, depois de ter perseguido este único fim, sem descanso, retrocedessem e tremessem diante da morte.

Símias *desatou a rir* ouvindo estas palavras.

Por Zeus! – disse. – Sócrates, *provocas-me o riso, muito embora não tenha a menor vontade de fazer isso.*¹³

10 Chamamos de ironia socrática justamente porque Sócrates fingia que não sabia de nada e assim forçava as pessoas a usar a razão. Sócrates era capaz de se fingir ignorante3(a)-0.44307(nt)0.226

‘Símias’ é “provocado” a rir, mas não se desliga das palavras. São elas que entusiasma o ato de rir. É o sentido – a audição -, e o que fez sentido e quem sabe, o que não fez sentido que induziu ao Riso. O Riso interrompeu ‘Sócrates’ ou o pontuou exclamativamente? O Riso irrompe, prende e corrompe. O Riso é provocado em alguns e é invocado por quem o profere. O Riso independe da vontade e é vontade sem escala ou grau de tamanho. É o “ainda que”, o “apesar”, o “não obstante”. Agir contra a vontade, nesse caso, rindo, parece ir ao encontro do que o outro espera como desfecho, é como se o Riso fosse uma das muitas ações sobre as quais não temos controle, e que o controle está no outro, fora.

É possível afirmar, considerando o método que ‘Sócrates’ emprega em seus diálogos, que ele conduz os seus discípulos a concluir o que ele pretende que se diga, só que não pela sua fala. Pensemos que seus interlocutores podem ser induzidos, provocados a ponto de rir. O Riso pode ser então o pensamento conclusivo de um assunto discutido, ou a “resposta” que ‘Sócrates’ vislumbrava apontar ou à qual gostaria que os debatedores se direcionassem.

O Riso parece prescindir do ridículo, estabelecer com ele uma relação. Relação de dependência, que se apóia na questão socrática: “Não seria ridículo, como disse ao começar, que um homem, depois de ter se aplicado a vida inteira a esperar a morte, quando estivesse diante dela se indignasse? Não seria risível?”¹⁴

O Riso parece querer existência de criatura e de ação. Ser adjetivo, mas deixar de ser pejorativo. Ser o homem, e não algo que se diz dele. Como negar o passado de bufo, burlesco e cômico que o impregna o ridículo e faz com que ele se confunda com o Riso? Não mais confusão com o “de que se ri”, mas ser o próprio Riso. O ridículo é risível, não é o risível. O homem que o é por ser ridículo. O homem é a criatura, o Riso é a ação. É risível não agir de acordo com a sua existência e os planos que fez para ela. Risível e ridículo enquanto sinônimos.

¹⁴ Idem, 67d-e. Grifos meus.

O Riso que... O Riso que está na fala, enquanto se fala:

- Entretanto, parece-me que ambos desejais aprofundar mais ainda esta questão e que tendes temor, como crianças, que a alma ao sair do corpo seja levada pelo vento, particularmente se acontece que em lugar da bonança, haja forte vento no instante da morte!

A estas palavras, Cebes pôs-se a rir:

- Supões, Sócrates, que fôssemos covardes, ou, melhor, que não o temêssemos, mas que houvesse em nós um menino que o temesse. Procura ensinar-lhe a não temer a morte como às sombras.

- Para isto – replicou Sócrates – é preciso empregar, todos os dias, encantamentos até curá-lo.¹⁵

O rir que é postura, colocar-se. O rir que sugere acatamento do desejo de ‘Sócrates’ em arraigar a questão sem se radicar, que quer voar pelo vento que ainda é calmaria. O rir que é imaginar-se criança e todo o seu contexto, que busca a tempestade, a-tormenta. Que insere um tempo sem idade, o aión, e permanece, mas não se fixa, no pensar sobre a questão.

‘Cebes’ pôs-se a rir. Coloco-me, ponho-me quando tenho espaço, quando se abre espaço, quando encontro espaço. O Riso parece não se buscar e sim se encontrar. A alusão socrática às crianças, como sim, e não como “se” fossem temerosas. Crianças que temem e temem com totalidade, com roteiro completo: vento, bonança e força. Crianças, segundo ‘Sócrates’, que em sua criancice são temerosas, quando adultas serão covardes. Covardia por saberem que não é assim e acreditarem ser, essa covardia, todavia, não é fraqueza. Riso que toma forma pela suposição e que se mantém na insistência da procura em sair da dualidade morte-sombra. O temor à sombra conserva-se.

O Riso do fim... ‘Símias’ conclui seu argumento para a discussão com ‘Sócrates’ respondendo-lhe: “Eis aqui, ó Sócrates, o que temos a responder a essas razões, se alguém pretende que nossa alma, sendo apenas combinação de opostos de que o corpo é constituído, perece, em primeiro lugar, a alma, quando sobrevém a morte.”¹⁶

15 Idem, 67 d-e.

16 Idem, 84d-e.

Como ‘Sócrates’ responde? *Sorrindo*. “Sócrates, então, nos olhou um a um, com aquele olhar penetrante que costumava ter e sorriu”.¹⁷ Sim, ele sorriu com o olhar, sorriu ao olhar, sorriu no olhar. O sorriso que é agudo, áspero, intenso, perspicaz. O sorriso que é. O sorriso que adveio como resposta. O sorriso que sucedeu o olhar e que o procedeu. O sorriso que não foi individual como o olhar, o sorriso que foi coletivo. O sorrir de quem pensa. O sorrir do pensar. O sorrir que não se observa penetrante, mas o é. O sorrir da Filosofia. O Riso da Filosofia. ‘Sócrates’ parece sorrir de satisfação ao constatar que o seu discípulo, companheiro de debate viu-se como adversário, e, suficientemente provocado a ponto de falar com retuque, como afronta, desabafou sua resposta. ‘Sócrates’, contudo, rebate sorrindo. Será que rebate, refuta ou conclui com o seu sorriso? Pode-se dizer que há Riso quando a razão é compartilhada? Todo o Riso é uma questão, mesmo se só o silêncio responde a ela.

1.1.2. O Riso no *Banquete*: vigiado, ridículo, ignorante.

No *Banquete*, que trata da amizade, do amor, da origem, das diferentes manifestações e o significado do amor sensual e, em contrapartida, é um dos diálogos de Platão da categoria política, temos uma passagem em que ‘Erixímaco’ adverte ‘Aristófanes’:

Vê o que fazes. Estás *a fazer graça*, quando vais falar, e me forças a vigiar o teu discurso, se porventura vais dizer algo *risível*, quando te é permitido falar em paz. *Pondo-se a rir*, falou Aristófanes: Tens razão, Erixímaco; ficou o dito pelo não dito. Porém não precisas vigiar-me; o que me preocupa *não é fazer graça* – o que só seria de vantagem e de muito acordo com a nossa Musa -, porém tornar-me ridículo com o que disser.¹⁸

Vigiar o discurso de quem ri. A seriedade do discursante não faz espectadores atentos, não se espera nada surpreendente ou repentino de quem tem postura séria. O sério aqui como oposto ao gracejo. Como resposta ‘Aristófanes’ *riu* e retomou. O que isso pode significar? Sabemos que Aristófanes era um cômico, aliás, escreveu uma peça ridicularizando ‘Sócrates’,

¹⁷ Idem, 87a-b.

¹⁸ PLATÃO. *Banquete*, 189b.

e esse foi o que mais riu. Na peça *As Nuvens*, compara ‘Sócrates’ aos sofistas, mestres da retórica, e acusa o filósofo grego de exercer uma influência funesta sobre a sociedade e principalmente sobre os jovens. Em tempo futuro Sócrates é condenado a beber cicuta por denúncias que se iniciaram nas galhofas de Aristófanes. O risível pretensamente como oposição à paz, como guerra. Ou então, se pensarmos na paz como quietude, serenidade, sossego, tranqüilidade, daí a guerra seria ação, combate, luta, batalha, peleja. Ora, então o risível pode ser o mote de uma discussão mais aprofundada, a saber, como surgiu a Filosofia? Da inquietude, da agitação, do desassossego, mas num território de calma, de contemplação. Atente à maneira de ‘Sócrates’ iniciar suas contendas, descrito por ‘Alcebíades’:

Se alguém se dispõe a ouvir-lhe os discursos, o primeiro impulso, com efeito, é considerá-los ridículos: tais são as palavras e as expressões em que os envolve, que se tem a impressão de ver a pele de um sátiro cômico. Fala em burros de carga, em ferreiros, em sapateiros e em curtidores, e assim dá a impressão de estar sempre a repetir as mesmas coisas, com as mesmas palavras – e a tal ponto que desses discursos se *rirão* os homens incultos e levianos.¹⁹

A primeira etapa da ironia socrática passa pelo ridículo. É possível desvincular o Riso do ridículo e da ironia como algo negativo e por outro lado desvincular o Riso da alegria e do humor como algo positivo. Independente dos pólos, negativo ou positivo, o Riso por si só basta para explicar ou denotar uma explicação que não precisa estar dentro do que conhecemos por racionalidade. ‘Sócrates’ leva os seus interlocutores a considerar os seus discursos “ridículos”, saírem do seu estado de “incultos e levianos”, sem deixar de sê-los, decifrando o discurso socrático como ensejo de Riso. O importante é o “tal ponto” para o qual a intensidade desse Riso fez os ouvintes se deslocarem, e, se houve a potencialização de um pensamento através do movimento dos ouvintes no Riso.

O próprio ‘Sócrates’ demonstra saber quando pode arrancar Risos, nesse caso, ele sabe que sabe. Sobre o elogio ao amor que é feito por ‘Agaton’ no *Banquete* promovido por

¹⁹ Ibidem.

‘Fedro’, ele afirma que não seguirá o companheiro, “elogiando o amor como o mais belo e o melhor possível”, e também “não em competição com os vossos discursos, para não me prestar ao riso”.²⁰ ‘Sócrates’ tem consciência de quando isso é possível. O método de ‘Sócrates’ de começar suas preleções por falar em coisas da vida cotidiana, conhecidas de todos, e depois, aos poucos, se elevar à consideração dos mais árdios problemas pode ter no Riso um artifício para esse aprofundamento, ou melhor, a ironia socrática como ficou conhecido o método, tem como seu componente mais fiel o Riso. Podemos ousar dizer que ‘Sócrates’, que *só sabe que nada sabe*, sabia quando provocaria o Riso e quando esse Riso lhe faria parceria para atingir a aproximação do seu objetivo: fazer com que os homens se envolvessem nas discussões das quais riram e disseram serem ridículas.

Platão, o mais fiel dos discípulos de Sócrates pode ter omitido em seus *Diálogos* algumas discussões, expressões e falas, daí o Riso ser quase ausente delas. Mas possivelmente, quando o conceito-Riso aparece há de se ter zelo com ele. Se fosse outro discípulo ou conterrâneo de Sócrates, como por exemplo Aristófanes, que tivesse ousado escrever os diálogos que Sócrates promovia, talvez estívéssemos saturados de tantos Risos. Contudo a pouca presença do Riso não deve ser entendida como distração, e sim, como motivação para pensar. Por que o Riso aparece para falar do amor no *Banquete* e também para falar da morte na *Apologia de Sócrates*? O que pode o Riso implicitamente numa discussão dos *Diálogos* é ser a coisa que pensa, o jogo-fenômeno do sentido.

‘Alcebíades’, por exemplo, pede licença para coroar ‘Agáton’ que é o mais “belo e sábio” dos presentes. O que consegue é arrebatá-lo, ao que lhes responde: “Estais a rir, porque me vedes embriagado? Podeis rir, pois sei que digo a verdade!”.²¹ Acontece que o Riso pode ter advindo da cegueira momentânea de ‘Alcebíades’ que não viu ‘Sócrates’ ali. O oráculo de *Delfos* já havia pronunciado em outra ocasião que ‘Sócrates’ era o

20 Idem, 199b.

21 Idem, 213a.

mais sábio dos homens. Tudo bem que não se podia dizer o mesmo da beleza de ‘Sócrates’, mas é preciso considerar que a noção de belo não se atinha, pelo menos não naquela época, apenas à aparência física. ‘Alcebíades’ ignorava a presença do filósofo e foi a sua ignorância em apontar ‘Agáton’ como o mais sábio, e não a bebedeira que pode ter feito os seus companheiros rir tanto naquela situação. Igualmente “saber” que dizia a verdade pode ter provocado o Riso. Mesmo bêbado como estava, e, segundo um provérbio conhecido entre

O Riso dos jovens demonstraria que estes sabem que o pretense saber de Sócrates é mais do que um saber de cópia. É a pretensa apropriação do saber que gera o riso frente a quem assim se porta.

1.1.3. O Riso no *Górgias*: refutação, ignorância.

Em *Górgias*, que trata do verdadeiro filósofo em oposição aos sofistas, o Riso parece receber status de algo a altura de ser questionado ou de uma forma sutil ser definido. ‘Polo’ e ‘Sócrates’ estão discutindo sobre a questão, a saber, de qual desgraçado pode ser considerado o que é o mais feliz, ao que ‘Sócrates’ responde:

Pois eu sou de parecer que nem um nem outro pode ser considerado mais feliz, nem o que alcançou injustamente a tirania, nem o que foi preso e castigado, porque entre dois desgraçados nenhum pode ser feliz; todavia o mais infeliz é o que escapou e se tornou tirano. Que é isso Polo? Estás *rindo*? É essa uma nova espécie de refutação, rir, quando a gente diz alguma coisa, em vez de argumentar?²⁵

O Riso como argumento de petulantes que se presumem superiormente dotados e infalíveis. ‘Sócrates’ sempre recoloca a pergunta de se há ignorância mais condenável que a de alguém supor saber o que não sabe. Contudo queremos enfatizar o “rir como uma nova espécie de refutação” em substituição aos argumentos. Polo ri porque acredita que não há outra maneira melhor de refutar ‘Sócrates’, afinal, este “afirmou coisas que nenhum homem pode admitir”, ao menos ninguém que estivesse ali presente, e disso devemos rir: das coisas inconcebíveis de serem ditas ou admitidas, do absurdo. ‘Sócrates’ contudo refuta com palavras:

Não sou político, Polo; sim, no ano passado fui eleito para o conselho, e como a minha tribo exercesse pritanato e eu tivesse de recolher os votos, *pus-me a rir sem saber o que fazer*. Não me concites, portanto, a contar os votos dos presentes e se *não dispões de melhor processo de refutação*, sede-

25 Platão. *Górgias*, 473e.

me o teu lugar, como sugeri há pouco, e faz a experiência da argumentação que me parece indicada. De minha parte só sei aduzir a favor do que afirmo uma única testemunha, justamente a pessoa com quem estiver argumentando, sem dar maior importância à opinião da maioria; só conheço o modo de obter esse único voto; às demais pessoas não me dirijo. Vê, portanto, se concordas em deixar que eu conduza a argumentação e em responder a minhas perguntas.²⁶

Sócrates não nega o Riso como uma forma de refutação, mas não a pretende como mais aconselhada. Para Platão (ou para ‘Sócrates’?) o Riso de ‘Polo’ nada mais é do que o Riso daquele que não sabe o que fazer ou que o usa como refutação à opinião da maioria. O Riso seria uma fuga, ou um tomar fôlego até que se tenha algo a dizer. Platão não admite no Riso a novidade de ser esse um argumento de refutação ou *um pensamento atravessado*.

1.1.5. O Riso no *Teeteto*: constrangedor, estratégia, argumento.

Também no *Teeteto*, que trata exclusivamente da teoria do conhecimento, em alusão a ‘Tales’, Platão afirma:

Sempre que nosso filósofo é forçado a tratar de assuntos que lhe caem sob a vista ou diante dos pés, torna-se alvo de *galhofa* (...) levando-a sua falta de experiência a cair nos poços e na mais triste confusão. Sua irremediável inabilidade para as coisas práticas fá-lo passar por imbecil. Num revide de injúrias não sabe como atacar o adversário, por desconhecer os vícios dos homens, já que nunca se preocupou com a vida de ninguém. E por não saber como sair-se de tais enrascadas, faz papel mais que ridículo. Por outro lado, quando se trata de elogios e de enaltecer uns aos outros com termos pomposos, *não procura esconder o riso; estoura em gargalhadas sem nenhum constrangimento*, o que o faz parecer tolo.²⁷

Rir, por mais que Platão não aprove, é uma estratégia, um argumento. Se em determinado momento é tido como refutação, em outro pode ser desabafo, máscara. Melhor se fazer de tolo e muito saber, do que se fazer de esperto e muito ignorar (como na *Apologia de Sócrates*). Para falar de qualquer conhecimento, é preciso observar-se todos os elementos, senão aquele que conhece, “riria à grande, sem dúvida, para acabar afirmando ser essa

²⁶ Idem, 474a. Grifos meus.

²⁷ PLATÃO. *Teeteto*. 174a-b. Grifos meus.

explicação indício de que o pensamento está certo”²⁸, mas, apenas indício, sem constituir o conhecimento verdadeiro. É preciso adicionar a explicação racional à opinião verdadeira. Acentuando o Riso nesse exemplo, é a conexão que se pode fazer entre o que se está dizendo e o que se pretende dizer que provoca o Riso, que exacerba o Riso.

1.1.6. O Riso na *República*: sardônico, desenfreado, violento.

E por fim, em *A República*, na qual Platão aborda vários temas, todos subordinados à questão central da justiça, encontramos um espaço à parte para ser territorializado. No livro I, Platão discute sobre mito e política quando ‘Céfalo’ precisa se ausentar da discussão. A resposta que ‘Céfalo’ dá *sorrindo* à ‘Sócrates’ quando este lhe indaga se “não é verdade” que ‘Polemárcos’ vai herdar-lhe o posto na conversa é: “sem dúvida”.²⁹ ‘Polemárcos’ apresenta o *sorriso* como transmissão, confirmação, assentimento, acordo, e, em última instância, ausência de dúvida, e não certeza.

A risada sardônica de Trasímaco por causa da ironia de ‘Sócrates’ também merece destaque.³⁰ Ela se dá em explosão, como estúpido ou caminho de denúncia, de insistência em denunciar os estratagemas de ‘Sócrates’. O Riso sardônico assinala um Riso inquietante, por causa da sua indeterminação, é associado com a idéia de sofrimento de quem ri, e correspondente concomitantemente a uma expressão e a uma intenção. É o Riso contraído e estirado, sarcástico, com aspecto agressivo.

Em outra passagem, no Livro II, que trata da educação mais adequada para se formar homens com uma certa natureza filosófica, o Riso, mais uma vez, deflagra uma postura negativa, quase que sinônimo de injustiça, em oposição à justiça, um dos conceitos mais discutidos nas obras de Platão:

28 Idem, 207b. Grifos meus.

29 Platão. *A República*, Livro I, 331d.

30 Idem, Livro, I, 337a.

Em outros princípios, então, nos basearemos para preferir a justiça e não a extrema injustiça, se é bastante escondermos esta sob aparência enganadora, para que tanto da parte dos deuses como da dos homens tudo nos corra segundo nossos desejos, assim em vida como depois de mortos, de acordos com a opinião dos grandes e dos pequenos? Depois do que ficou dito, Sócrates, como será possível decidir-se a cultuar a justiça quem dispuser de algum vigor da alma ou do corpo, ou de qualquer superioridade conferida pela riqueza ou pela origem, *em vez de rir* quando alguém elogiá-la?³¹

Ora, rir da justiça parece ser sinônimo de desejar a injustiça, e numa dedução, aquele que ri é o mesmo que não prefere cultuar a justiça, elogiá-la, e conseqüentemente, prefere a injustiça. Talvez o Riso não suporte o peso do arcabouço dos seus significados. Começa a perecer. Platão volta a essa discussão mais à frente, no Livro IV, que discute a justiça na cidade:

- Pelo que vejo, agora só nos resta investigar o que será mais vantajoso: proceder com justiça, praticar ações belas e ser justo, pouco importando se os outros têm ou não têm conhecimento disso, ou cometer injustiças e ser injusto, ainda que não venha a ser punido ou não se torne melhor com uma punição?

- A meu ver, Sócrates, me falou, essa investigação já está ficando um tanto ridícula. Se considerarmos insuportável a vida quando se arruína a constituição do corpo, ainda que pudéssemos saborear todos os alimentos e bebidas e dispuséssemos de imensa riqueza e de poder ilimitado, como poderia ser ela insuportável, quando é perturbada e corrompida a natureza do que constitui o princípio essencial de vida, ainda mesmo que nos fosse facultado fazer o que bem entendêssemos, com exceção do que nos pode livrar do vício e da injustiça, e obter a justiça e a virtude, uma vez que ambas se nos revelaram conforme as descrevemos há pouco?

- É *risível*, de fato, repliquei; porém, já que alcançamos o ponto de que nos será possível perceber com toda a clareza que as coisas se passam, realmente, desse modo, convém não desanimar.³²

O ponto de onde se pode perceber e prosseguir numa discussão é o Riso?! O risível no caminho do pensamento fazendo desistir, como obstáculo, que faz desanimar e ao mesmo tempo como impulso para prosseguir. Como entender o Riso de Platão via ‘Sócrates’? Ou como entender o Riso de ‘Sócrates’ via Platão? É no Livro III e IV que Platão coloca o Riso em pauta quando fala da educação dos responsáveis:

31 Idem, Livro II, 366c.

32 Idem, Livro IV, 445a, b

Se os nossos jovens, meu caro Adimanto, *ouvissem, compenetrados, todas essas fábulas, em vez de rirem dela (...)*. Por outro lado, importa *que não sejam inclinados a rir; de regra, muito riso provoca violentas reações. Não devemos, por conseguinte, admitir que poeta algum nos apresente homens respeitáveis dominados pelo riso, e muito menos deuses.* (...) Logo, não poderemos admitir que Homero se refira às divindades da seguinte maneira: *Em gargalhada infinita rebentam os deuses beatos ao perceberem Hefesto solícito, assim, pela sala.*³³

A compenetração faz com que se demonstre respeito e se entenda o que se quer dizer, já o Riso, para Platão, nada pode nesse campo. A regra é clara: muito Riso provoca violentas reações. O conselho também: importa que os jovens não sejam inclinados a rir. O Riso comedido (anteprevendo Aristóteles), é o ideal. No Livro V sobre a unidade somática da cidade e dos gregos, Platão é implacável na sua postura sobre o Riso e reforça afirmando “como é tolo quem considera risível outra coisa além do mal, e também (que) quem se esforça em provocar o riso com espetáculo que não seja o da loucura e do vício (...)”.³⁴

A tolice e o Riso andam juntos para Platão. Quando a discussão se volta, ainda no Livro V para a idéia do bem o Riso se faz presente novamente, assim como a “modéstia” de ‘Sócrates’:

- Ficaremos satisfeitos se, do mesmo modo que nos explicaste a natureza da justiça, da temperança e das outras virtudes, nos mostrares o que seja o bem.
- Eu também, companheiro, lhe disse, ficarei muito satisfeito com isso. Porém receio não estar à altura do assunto e que, apesar de toda a boa vontade, minha falta de jeito vos provoque o *riso*.³⁵

Na Alegoria da Caverna, Livro VII de *A República*, talvez um dos textos mais difundidos de Platão, que aborda a educação dos filósofos, a idéia do bem e o declínio da cidade-estado, também se apresenta o Riso. O Riso ignorante dos companheiros que não conseguiram se libertar dos grilhões e continuam prisioneiros da caverna: “não se tornaria objeto de *galhofa* dos outros e não diriam estes que o passeio lá por cima lhe estragara a vista

33 Idem, Livro III, 388d,ss.

34 Idem, Livro V, 452d

35 Idem, Livro V, 506d, e.

e que não valia a pena sequer tentar aquela subida?”³⁶. Ora, aquele que finge que nada sabe, que tudo ignora, e se vale da ironia, provoca o Riso; o outro que diz que sabe, que teve acesso ao saber, também é alvo do Riso.

Quem quer que seja dotado de um pouquinho de senso, continuei, há de lembrar-se que de dois modos e por duas causas perturba-se a visão: na passagem do claro para a escuridão e vice-versa: das trevas para a luz. Refletindo que a mesma coisa se dá com a alma, sempre que a vir a debater-se em tais dificuldades e incapaz de discernir seja o que for, em vez *de rir à toa*, procurará saber se é por acabar de sair de uma vida mais luminosa e por falta de hábito que as trevas a dominam, ou se na passagem da ignorância para a luz fica ofuscada pelo efeito da claridade muito intensa. No primeiro caso, felicitará a alma pelas dificuldades presentes e por sua maneira de viver; no outro, a lastimará; *e se tiver vontade de rir à sua custa, menos fora de propósito seria a gargalhada* nesse caso, do que com referência à alma que acabara de descer da luz.³⁷

Platão não admite a razão de mãos dadas com o Riso e o risível, sequer percebe os benefícios que poderia se obter o pensamento se a razão faltasse em alguns momentos cedendo seu lugar de ação. O Riso para Platão não serve senão para obstruir a procura do saber e como substituto temporário do discernimento do que aconteceu na passagem das trevas da ignorância para a luz da verdade. O problema é que esse Riso pode permanecer e o homem dele se valer em situações que lhe escapem ao controle. Ninguém deveria preferir as comédias, é melhor se agastar com as lamentações. Podemos perceber tal especulação no Livro X que trata da rejeição da arte mimética, da imortalidade da alma e da recompensa dos justos em vida: “Aquele desejo de fazer rir, que reprimias por meio da razão, de medo de passares por palhaço, agora vai de rédeas soltas; mas, depois de fortalecido, muitas vezes, sem que o percebas, obriga-te, até mesmo em casa, a fazeres o papel de truão”.³⁸ A razão já não consegue conter o ímpeto do homem de se passar por “truão”, o medo é pouco para que não se provoque o Riso, a satisfação é maior, mas exige-se comedimento. Há um espaço

36 Idem, Livro VII, 517 a.

37 Idem, 517e, 518 a, b.

38 Idem, Livro X, 606c.

delimitado para o Riso, ele até pode estar nas comédias, mas não no espaço privado, ele tem, por conseguinte, regras a obedecer.

1.2. O Riso como erro em Aristóteles.

O homem é o único animal que ri.
Aristóteles³⁹

Aristóteles na *Poética*, que trata da conceituação da poesia como imitação da realidade (*mimese*), dos gêneros poéticos (tragédia e epopéia, sobretudo) e da elocução poética, aponta Homero como responsável pelo surgimento do cômico. Homero acrescentou a linguagem cômica à tragédia. Para o filósofo, “a comicidade, com efeito, é um defeito e uma feiúra sem dor nem destruição; um exemplo óbvio é a máscara, cômica, feia e contorcida, mas sem expressão de dor.”⁴⁰ O esforço digno de Riso está em fazer de um estilo, de um procedimento algo que ele não é, e que ninguém naquele momento espera que ele seja ou se faça assim. Um poema transformado em paródia, versos sendo alongados e fábulas tradicionais dramatizadas com linguagem que não a da tragédia – tudo imprevisto e inesperado. Aí a comicidade: imitar pessoas inferiores não ressaltando seus maus hábitos, vícios ou vergonha, mas tratá-los como algo feio, errado. Mais precisamente o desfecho que se dá a esse feio, errado, é que é o irracional, porque não pensado. Para ele,

É ridículo, sim, dar na vista pelo uso dessa facilidade, mas moderação se espera em todos os aspectos da linguagem; quem usasse, fora de propósito, metáforas, termos raros e demais adornos, obteria o mesmo efeito que se fizesse visando ao cômico.⁴¹

Aristóteles acredita que se falarmos numa tragédia em uma determinada ação, o objetivo se mantém, mas a simples representação da imagem da mesma daria em cômico. O racional não encontra espaço na comédia e sequer faz rir.

39 ARISTÓTELES. As partes dos animais, 637a.

40 ARISTÓTELES. *Poética*, V, 49a, b.

41 Idem. 58a.

Na *Ética a Nicômaco*, Livro IV, onde Aristóteles aborda o repouso, o lazer e o entretenimento, o Riso, mais exatamente o gracejo, são apresentados em algumas situações para daí se encontrar um meio-termo para o bom convívio social. Ele afirma:

As pessoas que tendem para o excesso na ânsia de gracejar são consideradas

Aristóteles não elucida os gracejos e sim apresenta as pessoas para se justificar. Ele trata o Riso como feio e inferior e assim promove uma ruptura com o Riso da ironia de Platão. Diante das artes da comédia e da tragédia, a classificação do filósofo evidencia que o Riso só é admissível se este for um ingrediente a mais no espaço das discussões, encontros, brincadeiras, como algo que agrada e não com intuito de atingir alguém. É a recepção que dá à entonação do que é obscenidade ou insinuação de obscenidades. Se dissermos ou ouvirmos obscenidades diretamente parece ser menos conveniente do que quando elas vêm nas entrelinhas, apenas insinuadas:

(...) os bufões, por outro lado, são as pessoas que não podem resistir ao desejo de gracejar, e não poupam nem a si mesmas nem as outras pessoas se podem provocar com isto uma gargalhada; eles dizem coisas que um homem polido nunca diria, algumas das quais este não gostaria sequer de ouvir.⁴⁴

Ora, não resistir é coisa de fracos, de covardes. Contudo a necessidade de se colocar pode ser mais interessante para um propósito. Como determinar o meio-termo quando não se sabe o que podem os excessos? Apenas as pessoas “de bom gosto”, segundo Aristóteles, se relacionam com a verdade, já as pessoas enfadonhas e os bufões (que se manifestam por gracejos) se relacionam apenas com o que é agradável e conseqüentemente, a margem da verdade. Aristóteles se volta para Platão nesse momento e afirma, que se não há outro jeito, então que se pense que “a ironia é mais digna do homem livre do que a bufonaria; pelo riso, o ironista procura o seu próprio prazer; o bufão, aquele de outrem.”⁴⁵ Domesticar o Riso, ou usá-lo de uma maneira moderada a seu favor, posicionar-se entre os dois excessos, valorando essa atitude, pode-se até ser virtuoso, ou seja, alegre.

1.3. O Riso na *Crítica da Faculdade do Juízo* de Kant.

⁴⁴ Idem, IV, VII, 3.

⁴⁵ ARISTÓTELES. Retórica, III, 18, 1.419b.

Kant assevera na *Crítica da Faculdade do Juízo*, no *Segundo livro - Analítica do Sublime* -, que:

Knaant90rpenaebvu-1090squ le

em que a representação é objetivamente um objeto do deleite (pois, como pode uma expectativa frustrada deleitar?), mas meramente pelo fato de que ela enquanto simples jogo das representações, produz um equilíbrio das forças vitais.⁴⁹

Os exemplos kantianos para ilustrar sua afirmativa são, primeiramente, o europeu e o índio; na seqüência o herdeiro e as carpideiras; e, finalmente, o finório e sua peruca. Em comum nos exemplos de Kant, além do Riso, o prazer e o desfecho no "nada". No primeiro exemplo o Riso e o prazer afetuosos após a expectativa tensa com um desfecho repentino "em nada". No segundo exemplo o Riso ruidoso e o prazer que advém da espera, que também se transforma repentinamente "em nada". Por último o Riso e o prazer por causa do "desacerto em relação a um objeto". Temos movimentos no Riso kantiano, movimentos "proveitosos à saúde": "sucessão de tensão e distensão"; ricocheteamento; "oscilação".

A tentativa de Kant isolar o Riso do pensamento, e falar de um pensamento que não representa nada faz suspeitar que o filósofo colabora com a proposição na qual insistimos: o Riso tem relação com o pensamento.

Pois, se se admite que a todos os nossos pensamentos ao mesmo tempo se liga harmonicamente algum movimento nos órgãos do corpo, compreender-se-á razoavelmente como àquela súbita transposição do ânimo ora a um ponto de vista ora a outro para contemplar seu objeto pode corresponder de uma recíproca tensão e distensão das partes elásticas de nossas vísceras, que se comunica ao diafragma (idêntica à que sentem pessoas que tem cócegas), de modo que o pulmão expele o ar a intervalos rapidamente sucessivos e assim efetua um movimento favorável à saúde, o qual somente, e não aquilo que ocorre no ânimo, é a verdadeira causa do deleite em um pensamento que não representa nada.⁵⁰

Insistir que há um pensamento que não representa nada, envolve a necessidade do uso de um outro conceito que não mais pensamento. Kant tem o cuidado com as pessoas racionais e deixa de lado os dotados de razão. Para ele, o Riso, dando continuidade a teoria de Voltaire, deveria ter-nos sido dado pelo céu como contrapeso às muitas misérias da vida.

Contanto que os meios para suscité-lo entre pessoas racionais estivessem tão facilmente à mão e o engenho ou originalidade do humor requerido para ele

49 Idem, p.178/225ss.

50 Idem, p. 179/227ss.

não fossem justamente tão raros como freqüentemente o é o talento de escrever, quebrando a cabeça (kopfbrechend) como sonhadores místicos, arriscando o pescoço (halsbrechend) como os gênios ou destruindo o coração (herzbrechend) como os romancistas sentimentais (e também moralistas dessa espécie).⁵¹

O espaço do humorístico seria entre a arte de ser ingênuo e a arte de ser caprichoso. O humor cabe mais à arte agradável do que à arte bela, está em um meio-termo, mas, por conta do seu objeto - o Riso -, pende para o lado da arte agradável. A ingenuidade, composta da sensação animal e do sentimento espiritual pode confirmar um espaço para o Riso kantiano:

Nós nos rimos da simplicidade que ainda não sabe dissimular-se e, contudo nos regozijamos também com a simplicidade da natureza, que aqui prega um revés àquela arte (da dissimulação) (...). Mas o fato de que algo é infinitamente melhor do que todo o admitido hábito, a pureza da maneira de pensar (pelo menos a disposição para ela) não se extinguiu totalmente da natureza humana, mistura seriedade e veneração a esse jogo da faculdade do juízo. Como, porém, se trata de um fenômeno que se evidencia somente por curto tempo e a cortina da arte da dissimulação é logo fechada de novo, assim ao mesmo tempo junta-se a isso um pesar, que é uma emoção de ternura, que como jogo deixa-se ligar de muito bom grado a um tal riso cordial e também efetivamente se liga habitualmente a ele, tratando ao mesmo tempo de compensar aquele que fornece o material para o riso pelo embaraço por ainda não ser experimentado nas convenções humanas.⁵²

A indissolubilidade da “pureza da maneira de pensar” e disposição para ela aparece mais uma vez somada à seriedade. Apenas enquanto jogo permite uma ligação com o Riso, desde que este seja “cordial”. É o tolo de Aristóteles que aqui travestido em ingênuo tem de ser compensado por abastecer “o material para o riso”. De ingênuo ele passa a ser humorista, e, “entre aquilo que, alegrando, é bastante afim ao deleite proveniente do riso e pertencente à originalidade do espírito, mas não precisamente ao talento da arte bela, pode-se computar também a maneira humorística”.⁵³

Quem é capaz de admitir as mudanças de disposição de ânimo “arbitrária e conformemente a fins (com vistas a uma apresentação viva através de um contraste suscitador de riso), chama-se – ele e seu modo de falar – humorístico”⁵⁴ e pertence à arte agradável, pois

51 Idem, p.179/228.

52 Idem, p. 180/229.

53 Idem, p. 180/230.

54 Idem, p. 180/230.

esta não tem o dever de sempre mostrar em si alguma dignidade e por isso requerer seriedade na apresentação. Definitivamente Kant coloca em espaços diferentes a seriedade e o Riso.

1.4. O Riso na *Estética* de Hegel.

Para Hegel, tal qual Aristóteles e Kant, conceitos como cômico, alegria, riso, sorriso, são ingredientes do universo da arte. É na *Estética* de Hegel que os conceitos são trazidos à tona: o conceito de cômico aparece como sujeito que representa (no sentido de atuar), dramas. Outra forma que Hegel introduz o cômico é como estilo onde “não deve o páthos ser nem uma simples estultícia nem um capricho.”⁵⁵ Ou então em contraposição a outro estilo, por exemplo, com o irônico no tratamento das diferenças: elas “incidem essencialmente sobre o conteúdo do que se destrói.”⁵⁶ A saber, o cômico destrói o que é desprovido de valor em si, o “que se manifesta oco e vazio, mas abrange coisas realizadas e excelentes.”⁵⁷

A alegria surge como paixão que tem a possibilidade de invadir a alma e como conteúdo de um sentimento concentrado que pode libertá-la, e algo a ser extraído do ideal – sempre por meio da arte. O imprevisível é que pode dar ares de cômico e acrescentar a alegria. Hegel exemplifica com o caso do poeta, que ao invés de versejar, “canta como as aves nas ramagens. Seu alegre descuido oferece-se-lhe como um conteúdo interior que exteriorizado, goza”.⁵⁸

A alegria também está na submissão, no lamento e na falta de contenção. Ali se apresenta na forma de sorriso. O sorriso demonstra serenidade, tranquilidade, segurança. Contudo Hegel ressalta, lembrando partes da teoria de Kant:

Mas não deve o sorriso ser uma simples manifestação sentimental, não deve provir da vaidade do sujeito, não deve resultar de uma veleidade interessada em mostrar que se está acima das pequenas misérias e sensações subjetivas;

55 HEGEL. *Estética*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultura, 1999. P. 235.

56 Idem. P.92

57 Idem. P. 176

58 Idem. P. 279

é preciso que o sorriso signifique o triunfo e a liberdade do belo sobre todas as dores.⁵⁹

Mais uma vez exige-se moderação e desconfiança. Se há uma consciência do caráter duvidoso do mundo, e que é possível pensar uma realidade superior, então o sorriso é a demonstração de que se alcançou essa pretensão. Hegel está sempre procurando adequar o que está ao seu redor num sistema, ele procura saber o que sorriso pode acessar, e em última instância o Riso, desde que ele signifique o que lhe foi imposto. Mas o que não se pode objetar é que o seu espaço é na arte.

Pode, no entanto, estabelecer-se uma separação abstrata entre o riso e as lágrimas, e abstratamente utilizar aquele ou estas para as exigências da arte. (...). De um modo geral, o riso é uma expansão explosiva que não deve, porém, chegar até a perda da contenção sob pena de deixar fugir o ideal. (...). Como é diferente a impressão que nos causa o inextinguível riso dos deuses de Homero, o riso provindo da tranqüila beatitude divina, e que é serenidade, não resultado de uma abstrata imoderação.⁶⁰

O que pode acontecer quando o Riso leva à perda da contenção? Essa contenção pode ser tratada como grosseria de um homem, nada digno, contudo ela “expande”. O Riso da ironia e o Riso sarcástico são intoleráveis para Hegel porque eles prendem, já o Riso do humor não é de todo ruim, mas não é por isso elogiável, apenas se salva pelo grotesco. O seu ideal, que é significar triunfo e liberdade deve ser preservado.

1.5. O Riso de Deleuze: pensamento atravessado.

Deleuze tal qual ‘Sócrates’ (ou Platão) nos permite observar além da escrita a postura do filósofo e seus interlocutores. A intenção aqui não é catalogar significados, no sentido de releitura de Deleuze, pois o próprio condenava tal prática. Tentaremos sim, nos perguntar *com o que* seus pensamentos se movem, em conexão com o que ela (a escrita) faz ou não passar intensidades, em que multiplicidades ela se introduz e metamorfoseia a sua (própria intensidade.) Deleuze nos autoriza confeccionar uma escrita aparentemente desconexa, porém

59 Idem. P. 175

60 Idem, p. 175.

inteiramente entrelaçada, repleta de rizomas que são as multiplicidades que se conectam e que, em alguns momentos se rompem, possibilitando o ressurgimento em outras linhas, em outros lugares.

Lembremos que o Riso é utilizado para as exigências da arte: no *Obéron* de Weber, causando angústia; nos deuses de Homero, serenidade. Deleuze não vai à contramão, o Riso também é componente de algo. Para ele a amizade é cômica e o Riso se faz exigência. A amizade é um acordo entre partes e exige reciprocidade. Exige concórdia, comunidade.

Deleuze confirma no Riso a participação solidária em atitude, o hábito. E é também o que há de mais fiel. A incógnita está no objeto. A certeza, a fidelidade partilhada: “Só falávamos de coisas que nos faziam rir. Ser amigo é ver a pessoa e pensar: o que vai nos fazer rir hoje? O que nos faz rir no meio de todas estas catástrofes?”.⁶¹ As perguntas antecipam o encontro com o amigo.

O momento do Riso é garantido. A amizade [está] em ser sensível aos signos por e de alguém. Eu e ele. Quando se ri, não é preciso falar. A pergunta deu-se resposta. Fala-se por gestos. Risos são gestos demonstrados pela expressão facial, contraem-se os músculos faciais em consequência de uma impressão alegre, não há códigos. Amigos sabem do que estão rindo. Não é preciso decifrar.

Alteramos nossa própria configuração, nos desfiguramos no Riso – imagem que não só escapa à vergonha, mas vai de encontro com ela. A fuga está em permanecer ao lado, em frente, por trás, junto. Fuga pelo rizoma, fuga “para” encontrar novas possibilidades.

O rir é alteridade. Somos nós (figura), voltando-nos para o nosso interior pela reflexão e o outrem ([dês] figura), projetando-nos para fora. Não há Riso sem movimento.

O Riso falta. A seriedade aparente da Filosofia não faz jus a sua origem. A Filosofia provoca o Riso, e o fato dela pensar faz com que se presuma a seriedade em oposição à

61 *Abecedário em F de Fidelidade*. Grifos meus.

alegria. Se ela não é sempre alegre, também não o é triste. Tales, responsabilizado pela história como um dos primeiros filósofos, é personagem de uma anedota contada por Platão que perdura até os dias de hoje. A saber, Tales observava os astros e, como andava com os olhos postos no céu, caiu uma vez num poço. Uma escrava da Trácia, de espírito brincalhão e trocista, riu-se dizendo que ele bem procurava saber o que se passava no céu, mas que não reparava no que tinha diante dele, a seus pés. Se Tales não instituiu o Riso e a alegria na Filosofia, com certeza proporcionou com o seu infortúnio, com seu “passo” ridículo, bons motivos para não nos surpreendermos com uma teoria, que pode resultar, de e algo cômico, do Riso como algo.

O “chapéu de guizos” não está noutra lugar que em nossas cabeças. Somos nós que não permitimos rir-nos ou fazer-nos rir. Pior, não queremos que riam de nós. O “chapéu de guizos” está preso em nossas cabeças, tal como a máscara do poeta. Ele ridiculariza e não nos percebemos ridículos.

É preciso [necessário?], usar esse ridículo para deixar de ser ridículo, ou então se dar conta que só é ridículo quem nunca usou o “chapéu de guizos” tal qual o escrevente apaixonado. O “chapéu de guizos” limita, mas faz rir. O Riso faz o ar entrar, não permite a asfixia. A máscara tem orifício, mas é um corpo sem órgãos. O Riso também. O Riso foi dado ao homem em tempo de criança, criança enquanto devir-criança, com as características que se dão no seu processo, a saber: “são de soar e sabem de sabor; ocupam o espaço em intensidade; são portadoras de uma língua menor; possuem uma vitalidade criadora.”

As crianças são de soar como os sinos. Emitem sons. Produzem sons. Retumbam. Ecoam. Divulgam-se. Espalham-se. Tangem. Gracejam. Riem! São estrangeiros na língua que ainda será sua.

Seu saber é o do desejo e da alegria. E a alegria, como sustenta Spinoza, é sempre boa, é vida que resiste à morte. A vitalidade da criança é milagre que rompe a velha ordem das coisas. A criança: capacidade de regressar eternamente à vida, alegria que afirma a vida no real. Seu dizer sim à vida, em sua modesta potência, é impugnação da tristeza e da servidão. Aquilo

que ao homem lhe é concedido apenas uma vez, foi lhe dado pela primeira vez à criança. Trata-se da capacidade de manter transações com a liberdade e a alegria, a felicidade e o gozo.⁶²

Ruptura que gera nova idade, idade de mundo. O regresso é metafórico. A criança não se desterritorializa, ela não se afasta da vida, ela se apega sempre, sentido do eterno, ela se reterritorializa. Mas não como raiz arborescente. A alegria é uma linha de fuga que a criança segue, não como radícula, folha dentro do embrião que só poderá vir a ser folha, como algo que sempre está ali, sem por isso ser dali para ser algo diferente depois. A criança que sempre está sendo criança, ela não é. Não há o definitivo. A criança tem capacidade rizomática. Criança-platô. Ela é toda uma “multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas superficiais de maneira a formar e estender um rizoma.”⁶³ A criança não faz conexão entre liberdade, alegria, felicidade, gozo, gozo, alegria, felicidade, alegria, liberdade, felicidade... Ela é a conexão.

A alegria é o conceito de resistência e vida, é tudo o que consiste em preencher, em efetuar uma potência. É a seiva que vai desobstruir os vasos condutores primitivos do rizoma. Fatos, momentos, podem ser acrescentados à alegria, mas não instituí-la. A alegria, pelo Riso, é o exercício de desformalização: a alegria tira da fôrma, tira a forma, [dês] forma, [re] forma, (...), ri da forma. O charme está [vem] entre e nos gestos da desformalização. Rir também é gestual. Mas não é somente gesto de um corpo físico e sim de uma forma de pensamento.

Para Deleuze é possível alegrar-se no prazer da conquista. Há alegria na conquista da cor pelo pintor. Há excitação. Já esconder a alegria é lamento. O lamento é conquista que só é possível a partir de uma positividade que se faz parte, que se sente. O lamento [lamentar] é sentir que o que se vive é grande demais, exageradamente maior que o possível.

62 JODAR, F. Devir-Criança: experimentar e explorar outra educação. *Educação & Realidade* – v.27, n.2. Jul/Dez. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 2002, p.42.

63 DELEUZE, G. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro : Editora 34, 1995, p. 32-33.

O sentimento do “exagerado” aparece no conceito de loucura e de demência. Platonicamente, um dos modos de interpretar a “boa loucura”, é como “amor à vida e tendência a vivê-la em sua simplicidade, contraposta à sabedoria artificiosa e sombria, bem como à ciência de quem sabe tudo menos viver e amar.”⁶⁴ O alienado traduz o sentimento de exagero. Tem a sensação exacerbada de poder, grandeza, superioridade, e de oscilação entre um pólo e outro. É imprevisível. Posição que apresenta, mesmo que travestido, o demente, ou louco de Deleuze. Parafraseando Deleuze em seu *Abecedário*, no verbete "F" de Fidelidade: "As pessoas só têm charme em sua loucura. A felicidade [está] em captar o ponto de demência, pois é o ponto de partida para o charme" (parte da resposta dada a Claire quando perguntado sobre a sua amizade com Foucault). Claire insiste: “Neste caso, não é o ponto de demência que constitui seu charme e sim algo muito sério: o fato de pertencer à esquerda. Isso o faz rir, o que me deixa muito feliz”.⁶⁵ Deleuze rindo do que foi dito ser “muito sério”!

Quais são as coisas, além dos amigos, que fazem Deleuze rir? Vamos apontar algumas, todas extraídas do *Abecedário*: a) Os desfechos das revoluções: “Que as revoluções acabem mal... Acho muita graça! Afinal, de quem estão zombando?”; b) uma pergunta de Claire Parnet: “Você teve um devir revolucionário naquele momento (Maio de 68)?”; c) aquilo que os publicitários chamam de conceitos: “O que eles chamam de conceito nos faz rir. Não devemos nos preocupar”; d) algumas maneiras de definir a filosofia: “Definir a filosofia como contemplação, como reflexão ou como comunicação. Os três casos são cômicos. É uma palhaçada”; e) certas atitudes dos colegas: “O filósofo que contempla”; f) a postura irônica de Claire ao perguntar se o filósofo teve um devir revolucionário na intrusão de Maio de 68: “O seu sorriso parece mostrar bem a sua ironia”.

64 Platão. *Fedro*, 244a

65 Claire, interlocutora de Deleuze no *Abecedário*.

2. O RISO E SUA RELAÇÃO COM O PENSAMENTO.

O que será que será/ Que todos os avisos não vão evitar/ Porque
todos os risos vão desafiar/ Porque todos os sinos irão repicar.
Chico Buarque⁶⁶

Trata-se agora de o Riso ser pensamento. Não somente ter relação com o pensamento. Percorrer esse caminho que já foi percorrido faz com que se encontrem algumas repetições. Breve solução: percorrê-lo de volta, inversamente. Não é preciso, contudo, sair dele, e sim violá-lo. Invocar o que se foi, mas que continua a habitar o Riso. Os acontecimentos não deixam de existir só porque são ignorados. Assim é com a contribuição da História da Filosofia. É o filósofo que vai trilhar o caminho pelos seus extremos, naquele trecho entre o que já estava ali e o que se abriu com o escancaramento do caminho. A razão apodera-se do que é possível, retém o pensável do pensamento. O Riso pode redimir o pensamento e livrá-lo do *status* de ter algo pensável para ser o pensado e o que faz pensar: dar ao pensamento ser seu sinônimo e sua ação.

A relação entre o Riso e o pensamento na Filosofia não é forçosa, *ela é*, mas não simplesmente, não mais. A aparente ausência de sentido no Riso torna-o lugar acessível para todo e qualquer pensamento. O pensamento precisa estar enfraquecido para perder-se e encontrar-se nesse não-lugar, despido de previedade e daí de obviedade. O não-lugar só é por causar estranhamento, por não reconhecê-lo. Devemos agradecer quem trata o Riso tendencialmente e agradecer por essa volubilidade de definição: o que ainda não é poderá vir-à-ser. Estar ao invés de ser, qual conceito consegue tal façanha? Indicador de diferença de grau entre o que é superior e o que é inferior, ou fator de utilidade, sem forma e, portanto, adequado para preencher qualquer fenda. Coexistente e equivalente com os mais variados tipos de existência.

⁶⁶ "O que será que será" do álbum *À flor da terra*. Letra e música de Chico Buarque.

O Riso não pode ser provocado por seu depositário: ele está dentro e é impiedado por algo que está fora. O fora não é só o físico, como fazer cócegas, o fora é o outro. O fora é o que não controlo. Pode ser então o pensamento. O efeito é o Riso-pensamento. Projeção. A exclusão, o ocupar a marginalidade deixa o outro como o mesmo. Dar a mão para dali sair é ser igual a quem o colocou ali. Porque então entendo que o ali é um possível. Se for possível parece não fazer sentido querer não estar onde ninguém esteve e nomear como estar à parte. Se eu reconhecer o todo sei que aquilo ali é parte e o reconhecimento é includente. O excluído se desfaz assim. O fazer-se é notório de autonomia. O Riso é sintoma de autonomia.

O momento de definir o Riso é transitório, já foi. A impossibilidade de defini-lo é uma possibilidade teórica que pretendemos explorar como se fosse uma licença poética. Posso pensar o que não posso definir, mas acima de tudo posso pensar porque definir. O Riso se presta para muitas pretensões. Aqui: o Riso enquanto pensamento. Acolá o Riso como deboche. Adiante como ironia.

O Riso parece desprovido de preocupação. Afirmar que ele tem uma relação com o pensamento não é o mesmo que dizer que o pensamento tem uma relação com o Riso. A definição de Riso como uma forma inusitada de pensar e ao mesmo tempo como um estado de ânimo ilumina frestas dantes obscuras que, podem também, deixar escoar outras definições. A afinidade do pensamento com a imagem severa de um rosto retraído, com o olhar fixo e distante é senso comum para designar “aquele” que está pensando. Aquele que ri, apenas ri. O pensamento está distante, fora. Está na interrogação: no que aquele que ri está pensando? O pensamento “fora” não pode ser aquele que foi expulso? Que estava no Riso, que era o Riso? É o pensamento que perde o controle e não se basta dentro de si. Expulso, ele passar a ser o excluído. A exclusão coloca o pensamento na condição de busca, busca que o leva à margem e o deixa inquieto por lá. Pensamento marginal que não se fixa, que se movimenta. O movimento é típico da falta de espaço, da ausência dele. O efeito de aperto, de provável

sufocamento faz com que se debata querendo respirar. Ampliar o espaço, afastar tudo: o excesso de espaço não promove movimento, apenas olhares. Olhares que não vêem.

Foi-se o tempo em que rir e rir-nos era uma forma de ficar em silêncio. O Riso impõe-se agora como uma maneira violenta de romper o silêncio ou então de substituir, por exemplo, uma linguagem, a verbal, por outra que por não dizer nada, fala muito.

A impressão de que o Riso é uma palavra atrás da qual se escondem muitos significados parece não ser mais um devaneio e sim uma provável explicação. Existem aquelas palavras ou conceitos que são proferidas com muita facilidade e explicitam muitas coisas, e então, se tornam vulgares por se prestarem a tal papel. Também tornam as pessoas vulgares por fazerem uso desse “desprendimento”, ou seria melhor dizer, vulneráveis, volúveis? Contudo isso é positivo. Falar de uma palavra como se tivéssemos conhecimento do que ela engloba abre um infinito particular para quem ouve e para quem pronuncia. Ao contrário do que Platão e Aristóteles afirmam, o Riso não tem conotação apenas com o ridículo, com o deboche e com a ironia. Ele é responsável por essa conotação dentro de um pensamento, o que se quer dizer aqui é que afirmar a causa do Riso não é menos irrelevante do que procurar por suas conseqüências. É o “entre” a Filosofia, a Educação e a Infância que o Riso, se ele se perguntar “o que eu posso?”, fará algo relevante.

Quando eu penso, por exemplo, no Riso como sinônimo de alegria, esse exemplo me incomoda e aí questiono o que pode o Riso enquanto alegria na Educação? Bem, pensando pelo lado do que nos incomoda, pode-se dizer que também não acomoda, pois o fato de ter na alegria um sinônimo reafirma o Riso como potência que está deslocada do seu espaço de produção e justamente o não estar ali, o vazio que se possibilita - não o preenchimento -, mas a violação dos vazios que se vêem necessários. Não é preciso pensar o Riso em relação a algo mais familiar à Educação para que ele seja algo digno de uma pausa para observar. O Riso

não se permite ser tratado como algo muito subjetivo e menos ainda como reação fisiológica apenas.

Talvez a necessidade de querer apresentar o Riso sem relação com o humor, à alegria seja um momento de extremo desapego ao que já foi apontado até aqui. Mas, e se fosse assim, que o Riso seja em si um *risamento*? Criar conceitos, essa é a tarefa do filósofo⁶⁷. *Risamento* é o Riso-pensamento. Qual é o problema ao qual responde o conceito de Riso enquanto *Risamento*? Aqui uma resposta não invalida a pergunta.

O *Risamento* é como que um pensamento elaborado não com a mesma lógica que o que entendemos por pensamento. Seria um pensamento que vem imediatamente, sem mediação, sem controle e original. Faceto que a falta de controle parece evitar o plágio: pensar o já pensado da mesma maneira-, e dá originalidade ao pensar: posso até ter pensado o que já foi pensado, mas o novo está no *como* eu pensei aquilo. A questão do *pensamento original* soa estranha, mas tenho a sensação de que faltam pensamentos novos, e sempre que se apresenta algum se corre para a bibliografia apontada para ver se não foi cópia ou paráfrase, ou então se espera que alguém diga: *já li isso em algum lugar*. O *Risamento* parece não incorrer nesse risco.

Ainda não consigo resolver bem essa idéia. Quando falo “sem mediação” penso no Riso como aquele algo que atravessa uma lembrança, uma idéia, um momento de organização do que está sendo dito ou lido e que não precisa de um acompanhamento, ou uma volta ao que já foi visto, dito, pensado. Não que dessa forma seja um pensamento autônomo ou egoísta, apenas é assim. Seria uma reapresentação, sem autorização, de um pensamento já pensado, só que de outra maneira. Aquele que ri pode tanto estar apresentando o “Ah! É isso!”, quanto o “Ah?! Não entendi!”; exemplos é que não nos faltam. Existe algo da ordem do cognitivo

67 Deleuze no *Abecedário*: “Há uma coisa que me parece certa: um filósofo não é uma pessoa que contempla e também não é alguém que reflete. Um filósofo é alguém que cria. Só que ele cria um tipo de coisa muito especial, ele cria conceitos. Os conceitos não nascem prontos, não andam pelo céu, não são estrelas, não são contemplados. É preciso criá-los, fabricá-los”.

nessa ação, houve o pensar e não necessariamente um pensamento, mas há de se ter cuidado para não entender o pensamento como um produto final ou identificável com um “aí está”. O pensamento não é localizável e mesmo que fosse não sabemos o que seria, ou se deixaria de ser pensamento. O *Risamento* pode ser então o pensamento em si, sem ter um compromisso semântico. Contudo vou tentar preservar a potência do uso do Riso que eu faço. É como um pensamento que é só meu. Quando eu rio, me comunico em uma linguagem particular. Eu demonstro o que eu estou pensando.

A minha imagem-alegoria do Riso seria mais ou menos assim, acompanhe: Pense um espaço, que pode ser o de uma tela. Este espaço está repleto de informações dos mais variados tipos: leituras, falas, sons, idéias sobre essas informações, e no momento exato de processá-las, quando quero dar sentido, fazer algo com elas que me leve ao pensamento, dá-se uma rajada que tem um tipo de som mudo, e que atravessa esse espaço e vai além dele, mas não “cai” da tela. É o que faz com que a tela se estenda, não tenha limite. Eu só consigo ver que a tela não tem limite por causa da rajada que limpa, deixa um vazio por onde passou, mas não “apaga” o que estava ali antes, apenas espreme para os lados. Não posso afirmar que a tela fica dividida porque a rajada não é uniforme, contínua. O espaço além-tela que a rajada viajou, é o pensamento. Como se ela tivesse com essa “passada” pela tela conseguido absorver, coletar e organizar as informações. A rajada é o Riso.

Gosto dessa imagem-alegoria do Riso. É um gostar que não tem nada haver com certo ou errado e provavelmente seja resultado de algumas leituras, vivências e do que ainda está por vir. Quando alguém pergunta o que é o Riso, parece que enquadrá-lo em uma explicação ou categoria, por exemplo, psicológica, fará com que o Riso deixe de fazer o que ele faz, mesmo que não possamos nomear esse fazer. Se procurarmos explicar o que é o Riso, e buscar essa explicação na psicologia ou em alguma ciência que comprova com exames exatamente o que ele é, se é que isso é possível, suas causas, benefícios, etc., surge a

impossibilidade de pensar com o Riso, ele se torna algo impotente. É isso: quando se tenta saber o que é o “Riso” define-se que ele tem que ser. Mas pensar o Riso da Filosofia também parece assumir que ele está lá e é. Mas, quando o Riso não está e não é (em uma passagem, por exemplo, do Banquete, em que rimos, mas os personagens não), também pode ser muito instigante, fazer pensar. Mostrando as contradições inevitáveis do absurdo, que não se opõe à ausência, mas produz um excesso de sentido. Riso como dispositivo do sentido.

Lembrando Freud em sua análise da teoria dos chistes, em *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente* e, substituindo “o inconsciente” pela “Filosofia”, salvaguardando que a aparição da Filosofia ao lado do inconsciente não é tão evidente, e nem é nossa intenção aprofundar esse assunto. A permuta, contudo, não trás nenhum prejuízo, e pode ser interessante, leia-se então não é só através do desconforto, estranhamento e enigma que a Filosofia surge, faz sua aparição. Também o Riso se presta nessas situações. O Riso apresenta-se, como vimos, no jogo cúmplice com as palavras: ele desobriga as amarras da censura, desferindo verdades colocam o Riso no lugar da inquietação ou da dor. Deixando cair a capa sisuda da verdade, o chiste, que tem por objeto o riso, faz com que ela, a verdade, cintile despida na exposição viva das palavras. Podemos entender que o Riso promove encontros e até colisões dos dizeres irônicos, burlescos com a verdade ou, plagiando Tchekov⁶⁸, escritor russo, o trágico e o cômico são apenas duas janelas diferentes que dão para a mesma paisagem atormentada. Platão no *Banquete* também afirma que é preciso admitir que é de um mesmo homem o saber fazer uma comédia e uma tragédia, e que aquele que com arte é um poeta trágico é também um poeta cômico. A Filosofia e o Riso podem ser as janelas pelas quais podemos nos debruçar para admirar, comunicar ou nos desesperar com a paisagem ao fundo, da condição humana. O Riso pode ser a janela e o campo de

68 Anton Tchecov (1860-1904), inventou uma nova forma de escrever contos: com um mínimo de enredo e um máximo de emoção.

significados, que por meio da brevidade que se expressa pode ser expressão de um pensamento. Mas quanto que o Riso diz enquanto expressão de um pensamento?

Deleuze afirma sem pestanejar no Abecedário “pensar é para mim estar à escuta da vida. (...) É verdade que não se pode pensar sem estar em uma área que exceda um pouco as suas forças, que o torne mais frágil.”⁶⁹ O espaço do Riso pode ser essa “área”, até porque ele pode ser um “conceito no limite do pensável”. Posicionar-se nesse limite do próprio saber ou da própria ignorância para ter algo a dizer.

Não se trata aqui de buscar uma definição unívoca (que se aplica a muitas coisas do mesmo gênero e da mesma ou diferente espécie; uma forma de interpretação), e sim de perseguir os vestígios dos conceitos nos quais esbarramos para pensar o Riso, ou seja, a ironia, o humor, a alegria e o cômico, e delimitá-los para colaborar com a exposição do nosso tema⁷⁰. Com a observação de que para pensá-los separadamente é abstruso. Para cada esboço ou tentativa de se abordar um, tropeça-se no outro. A dificuldade de compreensão dos mesmos, contudo, não é um empecilho. Fazendo-nos valer de Deleuze para encontrar algum conforto à nossa capacidade de (in)compreensão:“(...) por mais longe que se leve a compreensão do conceito, há sempre uma infinidade de coisas que podem corresponder-lhe, pois de fato nunca será atingido o infinito dessa compreensão.”

Não é possível escapar de uma abordagem dos conceitos apontados se quisermos ter clareza sobre o que pode o Riso. Pretendo voltar aos filósofos já citados no capítulo I: Platão, Aristóteles, Kant, Hegel e Deleuze. A intenção é de alguma maneira dizer algo breve e possível sobre a ironia, o humor, o cômico e a alegria a partir do que eles delinearão, para se necessário, fazer-me valer de algum outro pensador.

⁶⁹ *Abecedário*.

⁷⁰ Os conceitos que abarcam o Riso ou deles estão repletos não são figuras fáceis nos conceituados dicionários filosóficos, a saber, por exemplo, de Nicola Abbagnano. Dentre os que precisamos explicitar para um melhor entendimento do Riso estão apenas a ironia, o humor e o cômico. Não se fazem presentes a alegria, o ridículo, o gracejo, gargalhada. O próprio Riso não mereceu um verbete, foi incorporado ao cômico.

2.1 Ironia.

A História da Filosofia apresenta duas formas fundamentais de ironia: a socrática e a romântica. A ironia socrática que já foi citada noutros momentos da nossa escrita é a mais conhecida e a mais difundida até os dias de hoje. Ela se pauta no modo como Sócrates se desdenha em relação aos adversários com quem debate. Ele pergunta sabendo a resposta e a direciona para o que quer que esta seja ou para onde ele pretende que ela seja levada. A ironia de Sócrates parte da astúcia e suspeita fingida nas próprias potências. Dentre vários exemplos dentro dos diálogos de Platão, apontamos uma passagem da República para ilustrar a ironia socrática ou porque não, o método socrático. Ela se dá numa discussão sobre a justiça, quando Sócrates é inquirido a dizer o que ela é:

- Não ponhas em dúvida, amigo, nossa boa vontade, mas o certo é que nos revelamos incapazes. Somos mais merecedores de comiseração dos sábios como tu do que de repreensões.

Ouvindo-me falar dessa maneira, com uma risada sardônica Trasímaco explodiu:

- Ó Hércules! Eis mais uma amostra da conhecida ironia de Sócrates. Eu sabia, e disso mesmo tinha avisado os presentes, que ele não haveria de dialogar; preferes recorrer à ironia e a toda sorte de estratégias, a responder ao que eu te perguntasse.⁷¹

Essa passagem demonstra que a ironia para Platão é a fingida ignorância habitual de ‘Sócrates’. A ironia é o estupim para a explosão do Riso sardônico, o que antecede, mas não podemos aqui assegurar que ele é a sua causa, pois tem causa indeterminada. Afirmo, contudo, hipoteticamente, que pode ter sido um pensamento atravessado que se estabeleceu, entremeio a ironia e o Riso e nesse desembocou. A ironia estaria num extremo e o Riso noutro, e assim é um modo de ver a realidade e conhecê-la.

Em Aristóteles, a ironia é uma maneira de conseguir a estima dos outros pela dissimulação de ausência de aptidões que lhe são peculiares. Aristóteles também avista na ironia um dos extremos na atitude diante da realidade:

71 PLATÃO. *República*, I, 336e/337a

Em relação à verdade, o caráter intermediário pode ser chamado de veraz, e o meio termo de veracidade; o gosto pelo exagero é jactância, e a pessoa caracterizada por esta é jactanciosa; na forma reticente, a pessoa neste caso é caracterizada pela falsa modéstia.⁷²

A “falsa modéstia” é a ironia. O verdadeiro está no equilíbrio, quem abusa e alarga a verdade é vaidoso e quem, no entanto busca diminuí-la é irônico. Nessa feição a ironia é fingimento, simulação. Repensando Platão, seguindo a nossa hipótese, o pensamento pode ser o meio-termo em que se firma a vaidade de um extremo e a ironia de outro.

Em Kant, por sua vez, a ironia tem relação com aparência, e só o homem comum ou desatento pode ser açabarcado por ela. Já a ironia romântica funda-se na premissa da atividade criadora do Eu absoluto, onde se é impelido a ponderar a realidade mais concreta como um espectro ou um jogo do Eu, a não ter em grande conta a importância da realidade, não tomá-la a sério. Exalta-se o Eu sobre o mundo e seus infortúnios. E é nesse tomar a sério que queremos dar a ênfase para pensar a ironia.

A ironia é quase sempre desprovida de seriedade. (...) É assim que a ironia implica aquela negatividade absoluta na qual se refere a si mesmo; como, porém, a destruição a que se entrega não atinge somente, como no cômico, o que é desprovido de valor em si, o que se manifesta oco e vazio, mas abrange também coisas realizadas e excelentes, a ironia torna-se uma arte de destruição universal e leva, tal qual a veleidade (...), a uma inconsistência que nada tem de artístico e nenhuma relação possui com o verdadeiro ideal.⁷³

É como se, segundo Hegel, a ironia tem ciência que tem autoridade sobre qualquer conteúdo e subestima tudo. No sentido corrente, zombar ou censurar situações e se colocar, como superação, acima das adversidades delas, fazendo uso do Riso e da ironia. Aqui Riso e ironia como companheiros, e a ironia, de modo abstrato, próxima do cômico, mas mantendo as diferenças, dentre elas a essencial - o conteúdo:

O cômico limita-se a demolir o que é desprovido de valor em si, um fenômeno falso e contraditório, uma extravagância, uma mania, um capricho particular que se oponha a uma paixão poderosa, um princípio ou uma máxima que nada justifique e que não resiste à crítica. E outra coisa é

72 ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, II, 7.

73 HEGEL. *Estética*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultura, 1999. P. 176.

repudiar e renegar todos os valores concretos, todo o conteúdo substancial existente no indivíduo e, o que é mais, renegá-los e repudiá-los pelo próprio indivíduo, pelo senhor desses valores e esse conteúdo. De tal indivíduo se pode dizer que é dotado de um caráter mesquinho e desprezível e que as suas negações só revelam fraqueza e inferioridade moral.⁷⁴

Ironia vem do grego *eironeia* e quer dizer dissimulação. A origem da palavra não se distancia nem do conceito de ironia de Platão, nem de Aristóteles e menos ainda de Hegel. Na comédia grega, o *iron* é o miserável que acaba triunfando sobre o batuta. Nem por isso passa a ser o novo batuta, mas sim - como ele se autodestrói enquanto miserável, e a ironia consiste na autodestruição de tudo, “visto que tudo quanto para o homem tem valor e dignidade se revela inexistente após a sua autodestruição” - é agora um ser que se desmentiu e destruiu em tudo e agora nada mais é do que uma ironia de si próprio.

A ironia também é colocada como um dos aspectos do cômico e destituída de virtude por ser dissimuladora. Ela contudo não angaria para si aceitação, e sim entendimento e esclarecimento. Para André Comte-Sponville:

A ironia é isso mesmo: é um riso que se leva a sério, é um riso que zomba, mas não de si, é um riso, e a expressão é bem reveladora, que *goza da cara dos outros*. Leva-se a sério e só desconfia da seriedade *do outro*. (...) A ironia é essa seriedade, a cujos olhos tudo é ridículo.⁷⁵

O Riso não se desvencilha da ironia, não é sequer possível explicar a ironia de maneira convincente sem citar o Riso.

2.2 Humor.

Comumente encontramos definições do humor em forma de funções, ele teria a potência de dar razões ao equívoco. O humor é uma experiência possível do mundo e seus contrastes e de tudo mais que percorre nossa existência. O Riso é geralmente associado ao humor, ao bom humor. É senso comum quando se fala em Riso entendê-lo como englobado

74 Idem. P. 91.

75 COMTE-SPONVILLE, A. *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*. Cap. 17: O Humor. Trad. Eduardo Galvão. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

no humor e este por sua vez como uma maneira cômica. Contudo, o humor passa a ser ironia quando é dominado pelo Riso.

O conceito de humor vem do latim *humore*⁷⁶. É uma forma de divertimento, de distração e porque não, de comunicação entre os homens, que tem por finalidade muitos risos e numa última instância, a felicidade. O humor portanto como lugar comum para a interpretação da condição humana, acompanhante das mudanças de pensamentos, como transformado e transformador destes. Das possibilidades que se abrem com o humor, a saber, deslocamento da lógica vigente, questionamento do óbvio, inversão de certezas, resumindo, uma nova maneira de pensar, é que se pode dizer do humor que este se assemelha a uma virtude: “Poderá surpreender que o humor constitua uma virtude” diz André Comte-Sponville. E ele próprio dá uma resposta: “O humor é uma desilusão alegre. Nisto ele é, ou pode ser, duplamente virtuoso: como desilusão, raia a lucidez (e, portanto, a boa-fé); como alegria, raia o amor, raia tudo.”⁷⁷

Contudo, tratar o humor como forma de pensamento é complicado. Se ele é um dos aspectos do cômico, o que ele tem de diferente da ironia, por exemplo? A singularidade do humor se daria pelo que o homem objetiva nele: sua determinação se dá essencialmente pelo caráter de quem ri. Este pode incorporar-lhe, na tentativa de sua compreensão, aspectos intelectuais e reflexões, que o deslocam do espaço social e moral para espaço da compreensão filosófica e conseqüentemente abstraindo-o de qualquer função social.

O humor ri de si, ou do outro como de si, e sempre se inclui, em todo caso, no disparate que instaura ou desvenda. (...) é essencial ao humor ser reflexivo ou, pelo menos, englobar-se no riso que ele acarreta ou no sorriso, mesmo amargo, que ele suscita. Daí o humor, que pode fazer rir de tudo contanto que ria primeiro de si.⁷⁸

76 As origens da palavra "humor" assentam-se na medicina humoral dos antigos Gregos, que é uma mistura de fluídos, ou humores, controlados pela saúde e emoção humanos. Para Abbagnano, o humor é o estado emotivo que não tem objeto, ou cujo objeto é indeterminável, distinguindo-se, assim, da emoção propriamente dita. O humor não tem objeto intencional no sentido de que não existe um humor de..., assim como existe um medo de... ou alegria de... etc. Tem causa ou razão, mas não se refere a um objeto em particular e não constitui advertência quanto ao valor biológico de uma situação. Enquanto significado existencial do humor, ele é aquilo que torna manifesto “como alguém é e se torna” (Heidegger).

77 COMTE-SPONVILLE, A. *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*. Cap. 17: O Humor. Trad. Eduardo Galvão. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

78 COMTE-SPONVILLE. *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*. Cap. 17: O Humor. Trad. Eduardo Galvão. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

O humor é o que converte e até inverte situações corriqueiras ou grandes desgraças vistas com seriedade, em situações que provocam o Riso. Ele faz sobressair o que há de cômico aí. E o Riso é o que identifica se o humor alcançou o seu objetivo ou não, se conseguiu mudar as disposições de seriedade em Risos.

2.3 Alegria

A alegria é um dos conceitos mais estudados em Educação e é sempre lembrada quando se fala de crianças: a imagem da criança alegre, *rindo*. A alegria pode ser deliberadamente apontada como indefinível, ou então como muitos outros conceitos, portadora de várias definições. De todos os conceitos abordados aqui para pensar o Riso, a alegria é com certeza o conceito que na prática de Filosofia com crianças parece carregar maior identidade com ele. O deslumbramento com a alegria das crianças nas atividades de Filosofia foi o fio condutor para desembocar na pergunta *sobre o que pode o Riso na educação enquanto portador de sentido*.

Deleuze oportunamente nos dá uma afirmação da alegria no *Abecedário* em “j” de *Joie*: “A alegria é tudo o que consiste em preencher uma potência. Sente alegria quando preenche, quando efetua uma de suas potências. Voltemos aos nossos exemplos: eu conquisto, por menor que seja, um pedaço de cor. Entro um pouco na cor.” A alegria é a ação de capacidade, de experimentar e fazer parte da potência, ela como potência. Mas Deleuze observa que devemos ter cuidado porque esse algo que é a alegria pode ser potente demais, e aí passar ao lamento. A alegria é uma “inquietação louca” que quer realizar, ser realizada. Se eu não realizo, então começo a me lamentar.

Kant fala da alegria de um jeito que permite estender o que Deleuze fala sobre a alegria como potência:

Apenas a experiência pode ensinar o que nos traz alegria. Apenas os desejos naturais por comida, sexo, movimento, e, (conforme a nossa disposição

natural se desenvolve) por honra, por aumentar o nosso conhecimento, etc., pode nos ensinar de alguma maneira, no que encontrará essas alegrias.⁷⁹

A alegria constatada entre as crianças durante as aulas de Filosofia pode ser a efetuação da potência de Deleuze pela “conquista” do pensamento, e também a realização dos desejos intelectuais que Kant aponta. Embora desde marcos teóricos muito diferentes, as duas teorias sobre a alegria remetem ao encontro, um encontro com o conhecimento, com a capacidade e a realização. O encontro pode ser o da Filosofia com as crianças e o Riso.

2.4 Cômico.

Geralmente, o senso comum apresenta o cômico como o que faz rir, que trás o Riso à tona, ou também a possibilidade de provocá-lo, por meio da resolução impensada de uma tensão ou um conflito.⁸⁰

Como dissemos inicialmente, já abordamos superficialmente o cômico na busca do Riso. Os autores-filósofos que já abordamos anteriormente aqui submergem. O primeiro deles, até cronologicamente pensando é Aristóteles. Ele apreciou a comicidade como “um defeito e uma feiúra sem dor nem destruição.”⁸¹ O irracional é o principal componente do cômico em Aristóteles, e ele se dá no caráter do mesmo, como sinônimo de imprevisto e errado.

O cômico é reafirmado por Kant, como homem do seu tempo, do Iluminismo, que o cômico e o Riso que o manifesta, tem função social, a saber, é punição contra a intransigência, e concomitantemente amostra de “bom humor”. Para pensar o cômico faz uso do Riso e humor, e o restringe à tensão e, assim sendo, à sua solução imprevista.

Adversamente, Hegel, entendia o cômico como o aspecto de quem retém satisfatoriamente a verdade, e é superior em todos os sentidos aos desígnios da vida e aos

79 KANT, I. *Metafísica dos Costumes*. 6:215.

80 Essa concepção já foi vista no corpo do texto e apontada como um conceito filosófico do cômico.

81 ARISTÓTELES. *Poética*. V, 49 a,b.

demais homens. Diferenciava o cômico do pueril risível. Hegel via a incoerência pela qual a ação se aniquila por si e o escopo se invalida realizando-se. Aqui percebemos Aristóteles entrando pela porta dos fundos, pois o sentimento de superioridade já havia sido ressaltado por ele no cômico, quando limitou a comédia à “imitação pessoas inferiores”.⁸²

Bérgson (*O Riso*, 1900), lembrando o Iluminismo recoloca o cômico com função social, mais exatamente com potência educativa e corretiva, mas apenas na superfície, pois é o Riso que assume a função por ele apontada:

A comicidade é aquele aspecto da pessoa pela qual ela parece uma coisa, esse aspecto dos acontecimentos humanos que imita, por sua rigidez de um tipo particularíssimo, o mecanismo puro e simples, o automatismo, enfim, o movimento sem a vida. Exprime, pois, uma imperfeição individual ou coletiva que exige imediata correção. O riso é essa própria correção. O riso é certo gesto social, que ressalta r

3. O RISO E A PRÁTICA DE FILOSOFIA COM CRIANÇAS.

A aula tem a ver com o que buscamos e não com o que sabemos.
François Zourabichvili⁸⁴

Ensina-se sobre o que se pesquisa e não sobre o que se sabe.
Deleuze⁸⁵

Os temas carregam problemas e todo problema precisa de uma pergunta. Nesse capítulo pretende-se abordar o Riso na prática de Filosofia com crianças. A pergunta norteadora é: o que pode o Riso na prática de Filosofia com crianças?

Demócrito já afirmava que “o riso é pensamento e filosofar é aprender a rir”⁸⁶. Já Deleuze pontuava que o Riso “atravessa” o pensamento, como se o Riso sintetizasse um pensamento elaborado. Até ali esse pensamento não estava, aquele pensamento buscado ainda permanecia o outro: o Riso é o acontecimento.

O Riso pode explorar a dimensão filosófica do pensamento, considerando os sete tópicos do pensar filosófico⁸⁷, que seguem:

- 1º - Quando se produz um efeito de desnaturalizar o que parece natural, óbvio demais;
- 2º - Trabalha com conceitos e insiste na criação de conceitos. Possivelmente uma (re) ordenação;
- 3º - Amizade em relação ao saber;
- 4º - A relação que a Filosofia tem com a não-filosofia. O fato de ela dialogar com a ignorância;
- 5º - Trabalho sobre si. Se colocar em questão – não é o que a pergunta interroga, mas o movimento que a pergunta permite;

84 ZORABILICHVILI, François. Deleuze e a questão da literalidade. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 26, nº 93, p.1309-1321, set.-dez. 2005, p. 1309.

85 DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988/1968.

86 ROSSETTI, Lívio. *Lê ridicule comme arme entre lês mains de Sócrates et de sés élèves. Lê Rire dès Grecs – Anthropologie du rire em Grece ancienne*. Org. Marie-Laurence Desclos. Collection Horos – Grenoble: Editions Jérôme Millon, 2000. P. 258.

87 KOHAN, Walter Omar. *Experiência de Formação - Filosofia, educação e infância: uma introdução*. Reserva El Nagual/Santo Aleixo. 2005. (Mimeo).

6º - Obstinação a pensar por si próprio. Em Filosofia é impossível partir do outro.

Preciso o meu ponto de partida;

7º - Relação com o saber.

3.1. O Programa *Filosofia para Crianças* de Matthew Lipman.

Matthew Lipman é um professor norte-americano que em determinado momento de sua experiência, mais exatamente em 1969, como ministrante de um curso de Introdução à Lógica na Universidade de Columbia questiona-se sobre o valor de seu curso, e, questiona também, mais exatamente:

Qual possível benefício meus alunos obtinham ao estudar as regras para determinar a validade dos silogismos ou a aprender a construir orações contrapositivas. Eles realmente raciocinavam melhor como resultado de estudar lógica? Não estariam seus hábitos lingüísticos e psicológicos já tão firmemente estabelecido que qualquer tipo de prática ou instrução no raciocínio chegava tarde demais?⁸⁸

A idéia do “tarde demais” foi tomando consistência com outra observação, mas agora de outro professor que trabalhava entre crianças com dificuldades de perceberem o sentido de suas leituras e que, com exercícios de inferências lógicas (indicados por Lipman) apresentaram uma significativa melhoria. Tal experiência levantou novos questionamentos e algumas certezas para Lipman: “Era possível ajudar as crianças a pensar com maior habilidade? Eu não tinha dúvidas que as crianças pensavam tão naturalmente como falavam e respiravam. Mas como conseguir que pensassem bem?”.⁸⁹

Foi assim que surgiu a “tentativa pioneira” de Matthew Lipman. Claro está que estamos resumindo como tudo começou, mas nem por isso querendo minimizar essa grande idéia, mesmo que o próprio Lipman faça questão de frizar que é apenas uma tentativa. O seu material, as novelas /romances germinaram humildemente:

⁸⁸ Publicado originalmente em inglês como “On Writing a Philosophical Novel”. In SHARP, A.; REED, R. (eds). *Studies in Philosophy for Children*. Harry Stottlemeier’s Discovery. Philadelphia: Temple University Press, 1992, p. 3-7. Publicado em português como “Como nasceu filosofia para crianças”. In KOHAN, Walter Omar, WUENSCH, Ana Mirian. (Orgs). *Filosofia para Crianças: A tentativa pioneira de Matthew Lipman*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p..21-27.

⁸⁹ Idem, p. 22.

Minha idéia era que um grupinho de crianças, na história, servisse de modelo com o qual os alunos reais pudessem se identificar. Um retrato assim, de crianças vivendo juntas de maneira inteligente e respeitando-se mutuamente, poderia dar às crianças a esperança de que semelhante ideal era factível (como fizeram os diálogos de Platão com os adultos). (...). Os personagens não foram tomados da vida real, nem tampouco o enredo. (...). Eu achava que o que deveria distinguir um personagem do outro não deveria ser tanto o seu modo de ser como o seu estilo de pensamento. (...). Quanto à trama da história, imaginei-a como um paradigma de pesquisa em miniatura.⁹⁰

O Programa *Filosofia para Crianças* é composto, em seu currículo, de novelas filosóficas, ou então como também são chamadas, de romances, para crianças na faixa etária de três até dezessete anos. Cada uma delas foi escrita com personagens que tem a idade das que estão lendo. Em cada um deles há textos com temas predominantes propostos, e as habilidades cognitivas, a saber, raciocínio, questionamento e investigação, formação de conceitos e tradução, que podem ser desenvolvidas a partir deles. Para cada romance há um manual do professor no qual são colocadas as idéias principais do episódio, a exegese de alguns dos conceitos pertinentes às idéias principais e a retomada de alguns parágrafos da novela para contextualizá-las. Após cada tópico registram-se atividades em forma de exercícios e planos de discussão. Vale ressaltar que o manual não registra ou oferta respostas para nenhuma dessas atividades. Resumidamente, portanto, o currículo do Programa de *Filosofia para Crianças* é composto de sete programas para o Ensino Fundamental e Médio. Monitores e professores-coordenadores são preparados pelo programa para aplicá-lo. Uma observação interessante sobre estes profissionais é que, para Lipman, eles não precisam ser “formados” em Filosofia ou serem filósofos para trabalhar com o programa. É preciso sim ter sensibilidade para a dimensão filosófica do que é feito. O formato varia entre os centros que oferecem a formação, mas originalmente, no *Institute for the Advancement of Philosophy for Children* (IAPC) envolve um seminário de dez dias. Cada participante trabalha num período

90 Ibidem, p. 22, ss.

com o material do programa, seguindo o método, com os demais participantes, e, noutro período, se desenvolve o “aprendido” diretamente com as crianças.

Esses romances não devem ser trabalhados em sala de aula dentro do processo tradicional de ensino-aprendizagem e sim em Comunidade de Investigação. A Comunidade de Investigação é o momento em que os alunos, doravante denominados investigadores, e o professor agora mediador ou facilitador do diálogo ou discussão, irão filosofar - e não aprender e ensinar filosofia.

Podemos, portanto, falar em ‘converter a sala de aula em uma comunidade de investigação’ na qual os alunos dividem opiniões com respeito, desenvolvem questões a partir das idéias de outros, desafiam-se entre si para fornecer razões e opiniões até então não apoiadas, auxiliarem uns aos outros ao fazer inferências daquilo que foi afirmado e buscar as suposições de cada um.⁹¹

O método da Comunidade de Investigação consiste em sentar em círculo e seguir as seguintes etapas:

- 1ª - Atividade prévia ao trabalho textual;
- 2ª - Apresentação (leitura) de um ou mais episódios da novela;
- 3ª - Problematização do que foi lido;
- 4ª - Discussão filosófica;
- 5ª - Atividade posterior à discussão.

Lipman enfatiza que o método, contudo, não é algo mecânico, e a Comunidade de Investigação precisa ser concisa nos seus aspectos:

Em primeiro lugar (...) é um processo que objetiva obter um produto – a partir de algum tipo de determinação ou julgamento, não importando o quanto isso possa parecer imparcial ou experimental. Em segundo lugar, o processo possui um sentido de direção; movimenta-se para onde o argumento conduz. Em terceiro, o processo não é meramente uma conversação ou discussão; é dialógico. (...). Em quarto lugar, precisamos considerar mais atentamente como a criatividade e a racionalidade se aplicam à comunidade de investigação. E, finalmente, há a questão de utilizar a comunidade de investigação para operacionalizar e implementar as definições do pensar crítico e criativo.⁹²

91 LIPMAN, Matthew. *O pensar na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p. 31.

92 Idem, p. 331.

Mas como *a filosofia vai à escola*⁹³? Seguindo o programa de Filosofia para Crianças, a implementação deste nas escolas envolve vários componentes: um currículo para crianças; uma metodologia pedagógica; materiais instrucionais para professores; o preparo dos monitores; o preparo dos professores-coordenadores; envolvimento em pesquisa educacional. No Brasil existem centros que promovem essa implementação.

3.2. Filosofia e crianças: relatos de uma aproximação.

A minha aproximação com as idéias de Lipman começaram em 1995, na Universidade Federal de Santa Maria-UFSM/RS na faculdade de Filosofia, e se efetivaram em 1997 com o projeto de pesquisa *A Filosofia como elemento norteador de um programa que ensina a pensar* financiado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC/CNPq. Meu envolvimento mais efetivo deu-se com a formação no Programa de *Filosofia para Crianças* no Centro de Filosofia *Educação para o Pensar* de Florianópolis, quando este ainda era vinculado ao CBFC, em 1997. Estou atualmente apenas vinculada ao NEFI – Núcleo de Estudos Filosóficos da Infância/UERJ.

O meu trabalho atual, independente do NEFI, é como facilitadora e assessora de Filosofia entre crianças de quatro escolas da rede privada de ensino do município do Rio de Janeiro, desde 2002.

O presente estudo foi feito, contudo, com base em apenas duas dessas escolas em que trabalho. Nelas as minhas atividades tiveram início em 2003 e foram decisivas para pensar o tema da presente dissertação. Uma escola está estabelecida num bairro da zona sul e a outra num bairro da zona oeste. Elas comportam todos os segmentos (Integral, Infantil,

93 Pergunta que se faz afirmativa numa obra do filósofo norte-americano: Lipman, M. *A filosofia vai à escola*. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1990.

Fundamental e Médio). Uma observação se faz necessária: as duas escolas são judaico-israelitas e preservam e difundem a cultura universal, notadamente a brasileira e a judaica, a religião e as tradições israelitas. Todas as crianças, exceto os filhos de professores que porventura lá estudam, são judeus. Fazer parte da comunidade judaica, ser judeu, é um dos critérios para admissão dos alunos na escola. O mesmo não se estende para a contratação de professores e funcionários.

Nestas escolas tenho dois encontros semanais de 45' minutos. Um com cada turma e a professora de Matérias Oficiais - ou M.O. como é designada e como vou me referir a ela daqui por diante. São ao todo cinco turmas de 1ª série, seis turmas de 2ª série e cinco turmas de 3ª série, todas do Ensino Fundamental, na faixa etária entre seis e nove anos de idade. Cada turma tem em média dezessete crianças. Nesse encontro o meu papel é de facilitadora do momento do filosofar entre as crianças, na presença da M.O. responsável pela turma. A M.O. por sua vez, tem dupla função: observar a minha atuação e participar como mais uma componente do momento do filosofar. O outro encontro semanal de 45' minutos é com todas as M.Os. e a Coordenação Pedagógica. É o momento de discussão do suporte teórico, avaliação do que foi feito com as crianças e do planejamento do próximo encontro. Ali o meu papel é de professora-coordenadora.

Não utilizamos o material didático do Programa *Filosofia para Crianças* (até porque é preciso estar vinculado ao programa, e legalmente ter autorização para falar em nome do CBFC). Do Programa *Filosofia para Crianças* mantemos a metodologia, os pressupostos teóricos (o aconselhamento de temas em relação à faixa etária e a observação das habilidades cognitivas) acolhidos de uma releitura de Lipman e de seus colaboradores, críticos e precursores.⁹⁴

94 Nas referências bibliográficas estão indicadas as fontes de estou falando.

É desse trabalho, de implementação da disciplina de Filosofia, enquanto momento do filosofar, como facilitadora/ mediadora das discussões nomeadas Comunidades de Investigação entre os alunos e como professora-coordenadora que foram extraídos os relatos que apontaremos.

Os relatos se dispõem a argumentar a favor da hipótese inicial, de que o Riso é uma forma de pensamento que se estabelece também em situações alheias àquelas proporcionadas pela ordem e pela razão, e de maneira que dele não podemos nos desvincular enquanto algo que dá sentido, e se impõe, como interpretação válida de idéias e situações onde antes predominava o pensamento ou se pretendia o seu domínio. Dividiremos os relatos segundo as cinco partes para uma *aula* de Filosofia já descritas.

3.2.1. Relatos de colocações feitas por crianças das séries iniciais do ensino fundamental durante a implantação de filosofia para crianças.

Antes de trabalharmos em Comunidade de Investigação efetivamente, costuma-se fazer algumas atividades para que as crianças entendam o que é uma Comunidade de Investigação, qual é o seu papel ali, qual é o papel do professor e o que vai acontecer nessa Comunidade de Investigação.

3.2.2. Atividades de preparação para as Comunidades de Investigação.

Dividimos essa preparação das crianças em quatro momentos, compostos de algumas etapas. Aqui apontaremos apenas algumas etapas e as atividades executadas⁹⁵ para apresentar a Comunidade de Investigação e também a Comunidade de Investigação acontecendo. Escolhemos esses relatos, pois foram os que desencadearam os meus movimentos de pensamento sobre o Riso e onde houve o Riso com mais proeminência.

1º) Momento: Construção da Comunidade de Investigação.

95 Para esse objetivo consultar também Preparando-se para filosofar de Tom Jackson & Linda E. Oho in: KOHAN, Walter Omar; WAKSMAN, Vera. *Filosofia para crianças na prática escolar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 23 – 84.

1º - Passo vermelho: Dar a palavra uns aos outros.

Para que uma Comunidade de Investigação alcance o seu sentido é muito importante que as crianças saibam dar a palavra uns aos outros, e que após falarem, ou seja, colocarem a sua opinião, argumento ou idéia, não demorem muito para indicar outro colega para fazer a sua fala, e mais, que a escolha de para quem passar a palavra não seja decidida pela afinidade, amizade ou afetos, e sim de acordo com uma seqüência que propicie que todos os interessados em falar tenham a sua chance.

Costumeiramente fazemos a atividade que chamamos de “Ovo Choco”.⁹⁶ As crianças são convidadas a sentarem em círculo no chão e um voluntário vai sair da roda e caminhar em torno dela com um novelo de lã nas mãos. Enquanto isso os demais vão falando em voz alta o nome dos alunos do círculo até fechá-lo. Quando chegarmos novamente ao primeiro nome enunciado, a criança que está em pé deita o novelo de lã nas costas de um colega e volta para o seu lugar. Aquele que ficou com o novelo deve fazer o mesmo que o colega, e assim por diante. O objetivo da atividade é fazer com que as crianças gravem os nomes dos participantes e ao mesmo tempo observem o que o voluntário que está em pé circulando irá fazer. Se a criança não viu que o novelo foi deixado junto a si, os colegas que viram falam “Ovo Choco”. O professor facilitador encerra a brincadeira assim que perceber o envolvimento de todos e passa para a segunda parte. Na segunda parte a criança que ficou com o novelo deve passar para outra e assim por diante o mais rápido possível afim de que se consiga passar para o maior número de participantes, sem, no entanto, reenviar para alguém que já recebeu, no menor espaço de tempo viável. Essa parte tem como objetivo explicar que o novelo (usado para brincar de “*Ovo Choco*”), é a palavra, e que quanto mais participantes estiverem com a palavra mais produtiva será a Comunidade de Investigação, e mais, que a palavra é algo frágil e sensível, e que ao mesmo tempo contém muita força. Daí que deva ser entregue com

96 Essa atividade foi adaptada de uma brincadeira de infância muito comum até os dias de hoje no Rio Grande do Sul. Geralmente brinca-se de “Ovo Choco” na Páscoa.

cuidado para o colega para não machucá-lo. Exemplifiquei, em discurso, que se substituíssemos o novelo de lã por um objeto de vidro o cuidado deveria ser o mesmo para que todos ficassem seguros. Inicia-se o diálogo. Como atividade posterior ao diálogo os participantes da Comunidade de Investigação fizeram um desenho ilustrando a prática de dar a palavra uns aos outros (Ver Anexo A).

Relatos de colocações do passo vermelho:

- 1 - “Ele fica rindo pra mim, mas não passa o ovo!”.
- 2 - “Eu não vou passar o ovo para você só porque está sorrindo para mim!”.
- 3 - “A gente riu muito hoje na aula!”.
- 4 - “Por que você está rindo de mim?”.
- 5 - “Eu ri muito da cara dele quando acertaram o ovo nele!”.

2º - Passo amarelo: Comunidade de Investigação como um lugar seguro.

A necessidade de que as crianças sintam-se seguras para participar da Comunidade de Investigação, e que entendam aquele lugar como um “lugar seguro” é uma das fases mais delicadas a serem trabalhadas com os participantes. Para essa fase faço uma atividade onde apresento algumas imagens de lugares, situações e também frases que utilizem a palavra “seguro”. As imagens são muito díspares (de um determinado ponto de vista): alto de uma montanha, fundo do mar, cama, carro, sala de aula, cérebro, coração, etc. Como exemplos de frases, alguns slogans de seguradoras: “faça o seu seguro e não se preocupe com mais nada”; e também de recortes de jornal: “Fernando estava seguro de que estava certo”; “Débora não se preocupa se o seu namoro é seguro”; “não se preocupe que eu seguro você”, etc. O diálogo girou em torno dos exemplos que os participantes apresentaram e resultou em um desenho sob o título: “O meu lugar seguro”. (Ver Anexo B).

Relatos de colocações do passo amarelo:

- 1 - “O meu maior medo é que fiquem rindo do que eu vou dizer!”.

- 2 - “Mas se você for dizer algo engraçado é claro que eu vou rir!”.
- 3 - “Eu dei risada do que você disse e não de você!”.
- 4 - “Quando eu começo a rir eu não consigo parar, não adianta fazer nada que aí é que eu vou rir mesmo!”.
- 5 - “Eu estou rindo da cara que ela fez, parecia um macaco!”.
- 6- “Eu até quis falar, mas eu comecei a rir, e passou a vontade de falar o que eu pensei!”.

3º - Passo verde: Construção da Comunidade de Investigação.

Mesmo que as crianças já estejam sentadas em círculo ou como elas preferem dizer, em roda, ressaltar porque é dessa forma a constituição da Comunidade de Investigação é mais uma etapa que se faz imperiosa. Chamamos de “*Cama de Gato*” a atividade para essa etapa. Ela utiliza o mesmo novelo de lã (que foi o “*Ovo Choco*”) para brincando, explicar a importância de que façamos efetivamente parte da roda. A brincadeira inicia com um voluntário que dirá o que pensa que irá acontecer naquele momento. Ele segura na ponta do fio de lã e passa para o colega que dará prosseguimento com a sua fala. Ao terminar ele segura numa ponta do fio e desenrola mais um pouco o novelo e o passa para o outro e assim por diante. Quando o novelo voltar ao ponto de partida, peço para que cada um largue à sua frente o seu pedaço de linha e escorregue com o corpo para trás. Após observar a linha de lã no chão inicia-se a discussão sobre a idéia de roda, nossa parte nela e o que a deixa parecer um “oito” ao invés de um círculo e o que podemos tomar como exemplo para trabalhar em Comunidade de Investigação (Ver Anexo C).

Relatos de colocações do passo verde:

- 1 - “Se você está rindo porque eu não dei linha o suficiente para ela pode parar!”.
- 2 - “Por que você não ri também? Todo mundo está rindo!”.
- 3 - “Não pense que eu vou rir de mim mesmo, eu não achei graça!”.

4 - “Olhe, até a professora (M.O.) está rindo do que aconteceu!”.

5 - “E daí, só porque ela me riu tenho que rir?”.

6 - “Desculpe Leila, mas nem eu agüentei e tive que rir”.⁹⁷

2º) Momento: Processo de Investigação.

Várias etapas já se passaram para chegarmos até o processo de investigação, e este também tem diversas etapas. Citaremos apenas aquelas que geraram mais Risos e discussões sobre ele.

1º - Passo vermelho: Ouvir e partilhar a escuta.

A etapa “Ouvir e partilhar a escuta” é uma das mais difíceis de objetivar na Comunidade de Investigação, e ela, sem desmerecer as demais, é suporte pra uma boa discussão. Para que os envolvidos consigam entender a necessidade de equilíbrio entre ouvir, escutar e partilhar a escuta, fizemos a atividade “*Telefone-Sem-Fio*”. Essa brincadeira consta de um primeiro componente, nesse caso o facilitador, dizer uma palavra ou frase no ouvido do participante ao lado e este, por sua vez, passar o que ouviu para o que está imediatamente ao seu lado e assim por diante. Quando a frase chegar até o facilitador novamente, a última criança que recebeu a frase e a primeira que a repassou são chamadas para revelarem o que ouviram. Nessa brincadeira a frase foi: “Devemos ouvir e partilhar a escuta”. A última criança ouviu: “Vamos visitar a Terra do Nunca” e é claro que o seu mensageiro jurou que foi isso que ouviu, e assim discutimos para saber o que aconteceu. Foram feitas mais três tentativas até que conseguimos ouvir, repassar e partilhar a escuta corretamente. Entre as tentativas dialogamos sobre os motivos, causas e razões de o “*Telefone-Sem-Fio*” não dar certo e para encerrar, discutimos os motivos, causas e razões de finalmente conseguirmos nos escutar e partilhar a escuta.

⁹⁷ Comentário da professora de M.O.

Relatos de colocações do passo vermelho onde o Riso se fez presente:

- 1 - “Eu não quero que fiquem rindo enquanto eu falo”.
- 2 - “Mas e se eu estiver rindo de outra coisa?”.
- 3 - “Ah! Tá bom, então porque está rindo justamente agora?”.
- 4 - “Se vocês ficarem rindo eu não falo mais”.
- 5 - “Por que eu não posso rir se eu achei engraçado o que você disse?”.
- 6 - “Eu estou falando uma coisa séria e você continua rindo...”.

2º - Passo amarelo: Regras.

A etapa das Regras é muito significativa, pois já está desembocando não só no processo da Comunidade de Investigação, mas porque é geradora de vários temas para discussões filosóficas. Não iniciamos pelas regras como alguns facilitadores costumam fazer porque as crianças ainda não têm noção do que é a aula de Filosofia, ou como preferimos nomear, o momento do filosofar. E tudo o que elas sabem até ali é muito pouco, ou seja, que não é uma aula tradicional.

Antes de confeccionarmos as regras, que é uma tarefa de todos os componentes da Comunidade de Investigação, fizemos a atividade “*É proibido proibir*”. A brincadeira é feita com um jogo que todas as crianças conhecem muito bem: *Dreidl*⁹⁸. Chama-se assim em *yídish*. O jogo com o *dreidl* é popular entre as crianças judias. Elas costumam jogá-lo durante os oito dias de *Hanukkah*, a Festa das Luzes. As faces do dado trazem as iniciais hebraicas da frase *Nes Gadol Haiah Sham*, “um grande milagre ocorreu lá”, referindo-se à derrota dos gregos diante dos macabeus e ao milagre operado no templo de Jerusalém. Segundo a tradição judaica, o óleo de um dia fez o candelabro brilhar por oito dias e o templo, que havia sido profanado, pôde ser purificado e reinaugurado. No jogo, cada participante faz o pião girar e o

98 As crianças com que fiz esse trabalho, lembro, são todas judias. Antes de tudo elas são brasileiras, mas o futebol, por exemplo, não seria uma boa escolha para a atividade segundo uma pesquisa prévia que fiz entre eles antes de elaborá-la, pois nem todas conheciam as regras do futebol.

resultado se dá de acordo com a letra que aparecer voltada para cima quando ele parar. O dado jogado como pião é chamado em latim *totum*. É um tipo de dado de seis faces atravessado por uma agulha, o que só permite que quatro faces possam sair (o dado pode ter mais faces, sendo que duas delas nunca saem). Suas faces têm os seguintes efeitos: N: Nada; G: leva todas as fichas da mesa; H: ganha metade das fichas da mesa; S: adiciona uma ficha à mesa. Possivelmente o jogo seja uma adaptação de um jogo do século XVI, popular na Alemanha. As letras se refeririam às palavras alemãs: N: *nichts* (nada); G: *ganz* (tudo); H: *halb* (metade); S: *selbst* (ele próprio). A própria palavra *dreidl* deriva do alemão *drehen*, que significa girar. Em hebraico o pião é chamado de *sevivon*, da raiz *savav*, que também quer dizer girar. No Brasil, um jogo parecido é conhecido pelo nome de *Rapa-Tudo*.

Na atividade, porém, eles podem fazer como quiserem, não têm regras (ou essa seria a única regra?!). O resultado dessa atividade é evidente: ninguém consegue jogar e, em decorrência há uma insatisfação geral. Partimos daí para a discussão das regras e posteriormente para a confecção das nossas regras em Comunidade de Investigação.

Relatos de colocações do passo amarelo onde o Riso se fez presente:

- 1 - “Eu acho que uma das regras que tem que ter é não rir do que os outros falam”.
- 2 - “Mas e se eu não agüentar e soltar uma risada, não é justo!”.
- 3 - “Tá, então se alguém disser alguma coisa muito engraçada você não vai quebrar a regra se rir”.
- 4 - “Mas eu também dou risada de coisas estranhas, como vai ficar então?”.
- 5 - “Ah! Não pode rir e pronto, tem que segurar. E ninguém pode ficar fazendo palhaçada para o outro rir, viu?”.
- 6 - “Mas risada ninguém consegue segurar. Levanta a mão quem consegue!”.
- 7 - “Eu consigo segurar o riso, é assim ó (colocando a mãos sobre a boca)!!!”.

3º - Passo verde: Fazer perguntas.

Fazer perguntas, para as crianças não é tarefa difícil. Elas perguntam sobre tudo o tempo todo, há consenso nessa afirmação. Em Comunidade de Investigação as perguntas são sempre bem vindas e, exagerando, urgentes e necessárias. Mas essas perguntas devem ser motes para a discussão, devem ser refletidas e levar a reflexão, movimentar o pensamento. Elaborar perguntas é, portanto uma habilidade que deve e pode ser exercitada.

Para exercitarmos essa habilidade fizemos a atividade “*Curiosidade*”. Foi exibida uma clipagem do filme “*Procurando Nemo*”. Resumidamente, ‘Nemo’ é um pequeno peixe-palhaço, que repentinamente é seqüestrado do coral onde vive por um mergulhador e passa a viver em um aquário. Decidido a encontrá-lo, seu tímido pai ‘Marlín’ sai em sua busca, tendo como parceria a ingênua ‘Dory’. Nas cenas expostas (seis minutos) ‘Marlín’, que é um peixe-palhaço, vê sua família ser destruída por um peixe-espada (ou algo do gênero) justamente quando espera pelo nascimento de seus quatrocentos filhotinhos ao lado da doce esposa ‘Coral’. Depois da tragédia, ‘Marlín’ está só com um único ovinho. Ali está ‘Nemo’, que será criado com excesso de zelo pelo pai coruja, que teme perdê-lo também. Mas, inevitavelmente, ‘Nemo’ precisa enfrentar os perigos do oceano para que possa também conhecer suas maravilhas. Conflito estabelecido, ‘Nemo’, um adorável peixinho com uma das nadadeiras deficiente (o que agrava a preocupação do pai superprotetor), acaba convencendo ‘Marlín’ a levá-lo para a escola. Ao ser reprimido pelo pai na frente de todos os colegas logo no primeiro dia, ‘Nemo’ se revolta e acaba se arriscando demais, sendo levado do mar por um mergulhador xereta. ‘Marlín’, desesperado, está disposto a vencer seus próprios temores e enfrentar o oceano para ter seu amado filho de volta.

Após a fruição do filme as crianças foram convidadas a escrever perguntas sobre o que viram no filme. Depois eles colocaram suas perguntas no centro da roda. Foi solicitado que eles recolocassem a sua pergunta oralmente, mas de outra maneira. Por exemplo: *Você não*

acha que o 'Nemo' não deveria desobedecer ao 'Marlín'? Foi substituída oralmente por: Você não acha que o 'Nemo' deveria obedecer ao seu pai?

Nesse momento foram apresentadas as palavras sinalizadoras⁹⁹ por que, como, concordo, não concordo, observei, concluo que, por exemplo, etc., e foi exigido que as perguntas fossem reelaboradas com uma delas. Então, a pergunta do exemplo transformou-se em: *Por que o 'Nemo' desobedeceu ao pai dele?*

O objetivo da atividade, a saber, demonstrar que existem vários tipos de pergunta e que é possível perguntar pelo mesmo ao usarmos outra palavra para iniciar a pergunta, e também, que podemos acabar perguntando por algo muito diferente com essa mudança, teve em seus entremeios alguns mini-diálogos, entre eles o que está no relato abaixo.

Relatos de colocações do passo verde onde o Riso se fez presente:

- 1 - “Espera, eu ainda nem perguntei e já estão rindo de mim...”.
- 2 - “Eu estou rindo porque sei pela sua cara que você vai perguntar bobagem!”.
- 3 - “Desde quando a cara fala? Você quer rir e está dando a culpa em mim!”.
- 4 - “O que foi de tão engraçado que eu perguntei que todos riram?”.
- 5 - “Nós não rimos de você, eu pelo menos não ri, é que todo mundo já sabe que você sempre pergunta isso!”.

3º) Momento: Comunidade de Investigação.

Passo: Afinal, o que é Filosofia?

A questão “O que é Filosofia?” até o momento não foi respondida para as crianças, apesar da insistência delas, (mesmo porque não se pretende fazê-lo). Para abordarmos o assunto sem promover respostas e sim agenciamentos, afim de que as crianças elaborem o seu pensamento em torno do que pode ser Filosofia ou mais exatamente o que se faz no momento

99 Termo adotado por mim para diferenciar as palavras que ao serem pronunciadas numa frase indicam o que provavelmente será dito. Por exemplo: se a frase iniciar com “eu concordo com”, fica evidente que a criança vai continuar com a fala anterior ou com a idéia que está sendo exposta.

que estamos ali reunidos em Comunidade de Investigação, também apelamos para o recurso visual. Foi exibida uma clipagem do filme *Patch Adams: o amor é contagioso*. Abreviando o filme: Em 1969, após tentar se suicidar, ‘Hunter Adams’ voluntariamente se interna em um sanatório. Ao ajudar outros internos, descobre que deseja ser médico, para poder ajudar as pessoas. Deste modo, sai da instituição e entra na faculdade de medicina. Seus métodos poucos convencionais causam inicialmente espanto, mas aos poucos vai conquistando todos, com exceção do reitor, que quer arrumar um motivo para expulsá-lo, apesar dele ser o primeiro da turma.

Antes de passar o filme recomendamos para as crianças que elas ficassem em pé. Então em duplas, de frente uma para a outra, colocasse entre o seu rosto e o do colega quatro dedos e depois contasse quantos dedos tinha ali sem revelar o resultado. O outro colega deveria fazer o mesmo na seqüência. (Ver Anexo D). Depois que todas as duplas fizeram a brincadeira pedi para que aqueles que tinham contado mais de quatro dedos para levantarem o braço. Nenhuma criança contou mais do que quatro dedos. Enquanto facilitadora da atividade simulei indignação, descrença, e pedi para que refizessem. Alguns tentaram “adivinhar” a resposta certa, mas em vão. Então lhes foi exibido uma parte do filme em que ‘Adams’ procura seu professor e quer saber dele a resposta para a mesma questão. O professor havia colocado em sua frente quatro dedos e perguntado quantos ele via. (Ver Anexo E). A resposta, na primeira vez que o professor fez a pergunta, em outro encontro, foi “quatro”. O professor reapresentou os mesmos quatro dedos, na mesma posição: em frente aos olhos de ‘Adams’ e se colocando ao fundo, fazendo com que os dois ficassem frente-a-frente. Então se dá o seguinte diálogo:

- Quantos dedos você vê?
- Há quatro dedos.
- Não. Olhe para mim. Está se concentrando no problema. Assim, não pode ver a solução. Nunca se concentre no problema. Olhe para mim. Quantos vê? Olhe além dos dedos. Quantos você vê?
- Oito.

- Oito, oito. Sim. Oito é a resposta correta. Vê o que ninguém mais vê. Vê o que todos preferem não ver... Por medo, conformismo ou preguiça. Vê um novo mundo cada dia. Na verdade, está a caminho.
- O que você vê quando me olha?
- Patch...¹⁰⁰

Depois da fruição do filme sugerimos que refizessem mais uma vez a contagem e que observassem o “segredo” para conseguirem: olhar além dos dedos, ou seja, para o rosto do colega que estava por trás dos dedos. Depois como facilitadora medieei um diálogo para entendermos a analogia daquela atividade com o surgimento da Filosofia, suas potencialidades e o que faríamos semanalmente quando nos encontrássemos.

Relatos das crianças onde o Riso se fez presente:

- 1 - “Filosofia deve ser uma brincadeira, porque a gente sempre se diverte e dá muita risada!”.
- 2 - “Mas é!!! Senão eu não daria risada!”.
- 3 - “Eu dou risada quando acho uma coisa engraçada, mas se eu não sei o que é essa coisa eu posso dar risadas também!”.
- 4 - “Como você pode rir de uma coisa que nem sabe o que é? Isso é coisa de maluco!”.
- 5 - “Não é não! Outro dia eu vi uma coisa e achei que era fantasma, fiquei com tanto medo que comecei a rir!”.

4º) Momento: Comunidade de Investigação Reflexiva.

Passo: Co-investigação e autocorreção. O que é um diálogo e o que é uma discussão.

Nessa etapa a intenção foi trabalhar o comportamento em Comunidade de Investigação e o que seria uma viagem no pensamento. Dei prosseguimento ao filme ‘Patch Adams’ com outra cena (início em 14:08 até 17:00), quando ‘Patch’ ajuda ‘Rudi’ que precisa ir ao banheiro. O banheiro está situado dentro do minúsculo quarto do hospital psiquiátrico, distante apenas a alguns passos da cama onde os dois se encontram deitados. Mas ‘Rudi’ não se levanta, fica resmungando na cama, e assim não deixa ‘Patch’ dormir. ‘Rudi’ tem medo de

¹⁰⁰ ‘Patch’ traduzido para o português é “palhaço”. Deste ponto do filme em diante o personagem se autodenomina ‘Patch Adams’.

esquilos e acredita que o quarto está cheio deles. ‘Patch’ entra no pensamento¹⁰¹ de ‘Rudi’ para ajudá-lo. Incentiva-o para juntos simularem (ao menos para ‘Patch’) a matança dos esquilos imaginários. Assim os dois alcançam cada qual o seu objetivo: ‘Rudi’ vai ao banheiro e ‘Patch’ conseguirá dormir sossegado. Contudo, após o embate fictício ‘Patch’ descobre que embarcar no pensamento do outro, colocar-se no lugar do outro pode levá-lo a descobertas inimagináveis. A discussão da Comunidade de Investigação girou em torno das questões: a) Se o ‘Patch’ tivesse insistido com palavras para o ‘Rudi’ ir ao banheiro, ele iria?; b) Se ‘Patch’ não tivesse viajado no pensamento de ‘Rudi’, será que ele o teria convencido?; c) Se o ‘Patch’ tivesse insistido que ele estava certo e que não havia esquilos no quarto, e ‘Rudi’ o contrário, eles chegariam a um acordo?; d) Por que é mais fácil pensar que ‘Patch’ estava certo e não ‘Rudi’? A intenção inicial foi recolocada com a pergunta: o que o diálogo e a discussão tem a ver com Filosofia e com o nosso comportamento na Comunidade de Investigação?

Entre as várias colocações, descrevemos abaixo a colocação de uma das crianças da 2ª série como mostra interessante das conclusões da atividade: **“O pensamento são os esquilos e os dedos (da outra parte do filme que vimos noutra atividade). Fazer Filosofia é ver mais do que quatro dedos. Se eu disser que não tem esquilos, ou seja, que eu não entendo o pensamento do outro, não vai adiantar. Tenho que pegar aquele pensamento e pensar mais. Se eu olhar só para os meus dedos vou ver quatro, se eu olhar para a ‘cara’ do meu colega eu vejo oito. Ele é importante para eu pensar”** (Nicholas, 7 anos).

Relato das crianças onde o Riso se fez presente:

1 - “Ele quebrou a regra, ele falou isso para que a gente risse!”.

2 - “Por que eu quebrei a regra? Eu não fiz ninguém rir de propósito!”.

101 Tem quem prefira dizer que é fantasia, loucura. Para o nosso intuito e do nosso ponto de vista é pensamento.

3 - “Eu também acho que ele não quis fazer a gente rir, nós é que achamos graça do que ele disse, ele não tem culpa!”.

4 - “Mas não rir não deve ser uma regra, porque aí todo mundo vai estar sempre errando!”.

5 - “Não, só se ele faz isso para bagunçar, como você vai saber?”.

6 - “É, mas ele fez a palhaçada e foi o único que não riu!”.

3.2.3. Comunidade de Investigação em Ação.

Quem sabe como um estudante pode tornar-se repentinamente ‘bom em latim’, que signos (talvez amorosos ou até mesmo inconfessáveis) lhe foram úteis para a aprendizagem?

Deleuze (Proust e os Signos)

Segue um relato completo sobre uma das Comunidades de Investigação que desembocou - mais uma vez-, na questão do Riso. O relato será dividido em duas partes e apresentará os cinco passos do esquema básico para uma atividade de Filosofia com crianças ou como chamamos, uma Comunidade de Investigação.

Relatos de uma Comunidades de Investigação Reflexiva - Parte I:

Atividade prévia: Os participantes da Comunidade Reflexiva de Investigação ouviram como atividade prévia as seguintes palavras retiradas do livro *Harry Potter e a Filosofia*¹⁰², escritas por Shaw E. Klein¹⁰³:

Qual o seu desejo mais profundo? Talvez você saiba e esteja empenhando-se ativamente em satisfazê-lo. Ou talvez você não saiba o que é ou pense que seu desejo seja algo como o Pomo de Ouro¹⁰⁴ – passageiro e impossível de alcançar. Talvez ache que sabe, mas esteja enganado, na verdade, fique surpreso ao descobrir o que você realmente deseja mais que tudo. Enquanto a introspecção ou a psicoterapia talvez façam trouxas¹⁰⁵ descobrir seus desejos, Harry Potter tem um jeito mais fácil. Ele simplesmente olha no espelho.¹⁰⁶

102 IRWIN, William. *Harry Potter e a filosofia: se Aristóteles dirigisse Hogwarts*. São Paulo: Madras, 2004.

103 Shawn E. Klein é conselheiro estudantil do departamento de Filosofia da Universidade Estadual do Arizona, onde também está preparando sua tese de Doutorado. Ele leciona Filosofia lá e em Mesa Community College. Seus principais interesses são Ética e Filosofia Social.

104 Bolinha usada no jogo de quadribol. O jogador que conseguir alcançá-la faz 150 pontos e o jogo é encerrado.

105 Nome dado à todos aqueles que não são bruxos.

106 IRWIN, William. *Harry Potter e a filosofia: se Aristóteles dirigisse Hogwarts*. São Paulo: Madras, 2004. P. 101.

Estratégia de motivação para o diálogo: Em seguida, como estratégia alternativa, assistimos a uma parte do filme *Harry Potter e a pedra filosofal*, (em formato de DVD, cena 23, com duração de seis minutos e vinte e três segundos) como motivador do interesse e participação no ponto de partida da indagação filosófica.

Sinopse do filme: Em a Pedra Filosofal, ‘Harry’¹⁰⁷ acidentalmente descobre o Espelho de Ojosed em uma sala de aula não usada em Hogwarts. Imediatamente, ele nota a estranha inscrição no Espelho: “Ojosed stra ehru oyt ube cafru oyr on wohsi”. Não é um espelho comum – nada surpreendente, em um mundo em que os carros voam e os e, daos os alam. Quando ‘Harry’ olha para ele, não vê o seu reflexo, mas as imagens de sua mãe e de seu pai sorrindo para ele e até acenando! Ele imediatamente olha pela sala, mas os pais não estão lá; só aparecem no espelho. ‘Harry’, claro, é um órfão cujos pais foram assassinados por ‘Voldemort’¹⁰⁸ quando ele ainda era um bebê. Por isso, ao vê-los no espelho, ele se enche de alegria – ainda que seja uma alegria misturada com 4(da):steza.

Embora ‘Harry’ não tenha idéia dos poderes desse Espelho incomum, ele continua

dando suas escapadas

Espelho cheio de belo

- Você acha q

Ao que ‘Harry

- Como poder

Em uma das c

ao lado do Espelho, e

107 Estudante de Hogwarts, escola de magia.

108 Bruxo de Hogwarts que se bandeou para o lado negro da magia.

109 Melhor amigo de Harry, também estudante de Hogwarts.

110 Diretor e o professor mais antigo de Hogwarts .

- Você ‘Harry’ como tantos outros descobriu os prazeres do espelho de Ojesed. Imagino que a essa altura já saiba o que ele faz. O homem mais feliz do mundo olharia o Espelho e veria somente a si próprio. Exatamente como ele é.

- Então ele mostra o que queremos, seja lá o que for.

- Sim. E não. Ele nos mostra nada mais nada menos do que os mais profundos e desesperados desejos do nosso coração.

O Espelho mostra, por exemplo, para ‘Rony’ o que ele sempre quis: ficar fora da sombra de seus irmãos mais velhos e brilhar mais que todos eles. O Espelho mostra a ‘Harry’ o que ele deseja mais que tudo na vida: seus pais. Isto explica a inscrição aparentemente inescrutável, pois escrita (em inglês) de trás para frente e com espaçamento diferente, a mensagem diz: “Eu não mostro o seu rosto, mas o desejo do seu coração”.

Após ‘Dumbledore’ revelar a ‘Harry’ os poderes de Ojesed, ele lhe diz:

- Este Espelho não nos dá o conhecimento nem a verdade. Homens já definharam diante dele, encantados pelo que vêem, ou enlouquecidos, sem saber se o que ele mostra é real ou mesmo possível.

Em seguida, ele alerta ‘Harry’ de que “não é bom mergulhar nos sonhos e esquecer de viver”. ‘Dumbledore’ diz a ‘Harry’ que o Espelho será retirado dali e que não deve procurá-lo novamente. E assim ele o faz.

Problematização do texto e do filme: As crianças determinaram a partir dos dois motivadores, o texto e o vídeo, os temas, as idéias e os problemas que pensaram ser mais significativos e interessantes. Foi proposto que fizessem perguntas em dupla para começarem a discussão filosófica.

Seleção de perguntas com potencialidade filosófica¹¹¹ (para apontar aqui, dentre todas as perguntas iniciais que foram feitas):

¹¹¹ Costumo classificar as perguntas em norteadoras, geradoras e filosóficas. Essa seleção, contudo, não foi feita na Comunidade de Investigação relatada. Naquela, todas as questões dos participantes foram colocadas em discussão. Tomo a liberdade de apontar apenas as que eu considero para o nosso propósito, mais relevantes.

- 1) Por que é errado mergulhar nos sonhos?
- 2) Podemos sonhar com a vida e viver ao mesmo tempo?
- 3) Querer e desejar são a mesma coisa?
- 4) Como podemos ver o nosso coração?
- 5) Os desejos ficam no coração?

Discussão filosófica: O aluno-mediador sugeriu que as perguntas fossem colocadas no centro do círculo e que algum voluntário iniciasse a discussão. Algumas perguntas, como, por exemplo: “Os desejos ficam no coração?”; levantaram outros questionamentos, a saber, “se os desejos ficam no coração eles são sempre bons?”; “Tudo o que tem a ver com o coração é bom?”.

Nessa parte da discussão um participante fez um aparte e disse: “Não, infarto é no coração e não é bom!”. Como consequência dessa dedução todos os participantes começaram a rir.

O participante perseverou alegando que estava falando uma coisa séria e que mesmo assim todos riram (e continuavam a rir dada a insistência da reafirmação). Intervi junto ao grupo perguntando o que foi que o colega havia dito que os fizera rir. As respostas foram confusas e soltas, mas em sua maioria foram: “eu não sei porque ri”; “sei lá, foi engraçado”; “eu imaginei um coração de verdade e não agüentei, tive que rir”; “foi o jeito que ele disse, ele não entendeu que a gente não estava falando de um coração de verdade”; “foi alguma coisa que eu pensei com o que ele disse e aí eu tive que rir”.

Atividade posterior à discussão: Todos os participantes receberam uma folha em branco representando o espelho de Ojesed na qual deveriam, após pensarem sobre si e o mundo, desenhar o seu mais profundo desejo. (Ver Anexo F).

Relatos de uma Comunidade de Investigação – Parte II

Atividade prévia: Apresentação dos desenhos da atividade posterior à discussão sobre O Espelho de Ojesed ou Espelho do Desejo.

Observação: Nesse momento, como facilitadora da Comunidade de Investigação percebi uma certa inibição por parte dos participantes. Perguntei se lembravam que aquele ali era um lugar seguro, se todos sabiam das regras. Todos concordaram. Prossegui perguntando se eles poderiam expor os seus desenhos e explicarem o que eles significavam. Muitos ergueram o braço sinalizando negativamente. Questionei se era possível que partilhassem o motivo da negativa. Todos, em uníssono, responderam que estavam com medo, preocupados ou envergonhados com a possibilidade dos demais componentes do grupo **rirem** do seu Espelho do Desejo. Mais especificamente do desejo que estava expresso no desenho e não do desenho em si. Diante da forte imposição do Riso, foi feita uma Comunidade de Investigação sobre o tema.

4. O RISO NA COMUNIDADE DE INVESTIGAÇÃO.

Não achamos nada, então pode haver algo. Não concordar porque está certo, mas porque é mais seguro é uma estratégia interessante para pensar o Riso. Talvez esse seja o momento em que se deva analisar o Riso das crianças e dele extrair um significado ou alguma afirmação que faça sentido. Pensemos então com Deleuze:

Fazem-nos acreditar que a atividade de pensar, assim como o verdadeiro e o falso relativamente a essa atividade, não começa senão com a procura das soluções, não diz respeito senão às soluções. (...) Como se não continuássemos escravos enquanto não dispusermos dos problemas mesmos, de uma participação nos problemas, de direito aos problemas, de uma gestão dos problemas.¹¹²

Modéstia e precaução são motivos pedagógicos manifestos que, por conveniência, podem ser esquecidos. Lançar-se na participação da discussão sobre o Riso e o que ele pode enquanto problema, problema partilhado, nos leva a alguns encaminhamentos. Analisar o Riso observado e discutido nas Comunidades de Investigação pode ser um trabalho fastidioso e improdutivo e, contudo merecedor de atenção enquanto tentativa de disposição de um tema que carrega e gera um problema. Expor algumas teorias sobre o Riso, como o Riso dos *Diálogos* de Platão, o Riso como erro de Aristóteles, o Riso da transformação da súbita tensão em nada de Kant, o Riso como o triunfo e liberdade em Hegel, e, por fim, o Riso de Deleuze como o pensamento atravessado, para pensar o Riso na prática de Filosofia entre Crianças promove essa tentativa que não se compromete em apontar soluções.

112 Deleuze, 2000, p. 268.

4.1. O ato de rir e a forja de significado.

Voltemos aos relatos. É notório e condizente com o senso comum que o Riso é formador de frases feitas, de fácil adequação em afirmativas. Dele se faz uso vulgar. O Riso se presta para vários conceitos, como por exemplo, em substituição ao conceito de zombar ou deboche: quando quero dizer que alguém está debochando de mim, digo que está rindo de mim. Ele também é componente ativo dos conceitos de ironia, alegria, cômico, humor, entre outros.

Essa flexibilidade que aqui nomeamos de vulgaridade está em vários ambientes e contextos e trás na interpretação subjetiva o seu maior mistério: o que se quer dizer com esse Riso que foi “rido” agora? O que podemos observar enquanto análise, de uma criança que ri no momento da construção da Comunidade de Investigação, na atividade “Ovo Choco” que busca trabalhar a partilha da palavra entre os participantes? E da outra criança que questiona esse Riso? Podemos compará-la ao Riso de Platão nos *Diálogos*?

O temor do Riso quando se explora o lugar seguro, que explode na confirmação-exclamação: “O meu maior medo é que fiquem rindo do que eu vou dizer!”, como classificá-lo, que análise é passível? Será o mesmo Riso dos discípulos de ‘Sócrates’ frente à exposição do mestre à morte?

E o Riso que não se deixa rir: “Não pense que eu vou rir de mim mesmo, eu não achei graça!”. Nem de perto podemos querer mais aproximação: é ‘Alcebíades’ no *Banquete*! E a necessidade do discurso vigiado, que se quer sério: “Eu estou falando uma coisa séria e você continua rindo...”.

O Riso do ignóbil, do inferior: “Ah! Não pode rir e pronto, tem que segurar. E ninguém pode ficar fazendo palhaçada para o outro rir, viu?”, é Aristóteles dando seu alerta. “Eu estou rindo porque sei pela sua cara que você vai perguntar bobagem!”. Rir da máscara, da deformação.

O Riso que para Kant que transforma a súbita tensão em nada: “Eu também acho que ele não quis fazer a gente rir, nós é que achamos graça do que ele disse, ele não tem culpa!”. E o Riso de Hegel que demonstra o triunfo da moderação: “É, mas ele fez a palhaçada e foi o único que não riu!”.

O Riso de Deleuze que se traduz como pensamento de outra ordem, que se atravessa: “Eu até quis falar, mas eu comecei a rir, e passou a vontade de falar o que eu pensei!”.

O Riso dos relatos enquanto ato é um comportamento que gostaríamos de nomear como filosófico. Lipman afirma que:

Podemos nos comportar filosoficamente sobre qualquer coisa, incluindo a própria filosofia. Do mesmo modo podemos dedicar-nos a atos que parecem atos filosóficos (i. e., atos que são característicos de filósofos) sem de fato nos comportarmos filosoficamente.¹¹³

O que o Riso tem de característico de filósofos? Se pensarmos na postura de ‘Sócrates’ descrita por Platão, ou no próprio Platão que se deixa entrever na sua escrita, podemos apontar ao menos uma característica, que é também a característica do pensar filosófico: dialoga com a ignorância.

Portanto, devemos admitir a possibilidade de as crianças poderem ser capazes de fazer mímica ou imitar comportamento filosófico sem de fato se envolverem nele (...). Não seria possível, então, que as crianças poderiam às vezes *parecer estar fazendo mímica ou imitando* o comportamento filosófico quando na verdade elas estavam realmente envolvidas nele?¹¹⁴

E nessa linha de raciocínio, não seria possível admitir que, rindo, as crianças estariam envolvidas no comportamento filosófico? Fazer mímica e imitar são atos típicos da comédia, o que mais uma vez leva ao Riso. Parece difícil não extravasar... E se rir naquele momento da discussão, equiparada sem modéstia ao Riso na discussão do diálogo de ‘Sócrates’ com seus interlocutores, é filosofar? Responder, refutar, questionar pelo Riso?

113 LIPMAN, M. *A filosofia vai à escola*. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1990, p. 198.

114 Idem, p.199.

Dentre os modos de pensamento, defender o Riso como um deles é ponte para um método e recursos específicos. Lipman aconselha que:

Devíamos também fazer com que as crianças fiquem cientes dos diferentes modos de pensamento, tais como imaginar, sonhar, fingir, nos quais as regras lógicas quase não interferem. Ao apreciar e desfrutar essa ampla variedade de tipos de pensar, elas podem perceber que, embora seus pensamentos, geralmente, tenham uma forma lógica, e, algumas vezes não conseguem ter, quando é necessário, muitas não têm e nem precisam ter.¹¹⁵

O Riso dos relatos, superficialmente falando, observou-se negativo. Não negativo no sentido de bom ou ruim, mas sim, em termos de comportamento fugindo do aceitável e se relegando ao negociável, tratável. O Riso foi identificado como postura de deboche, arrogância, e, quase que imperceptivelmente como alegria, humor. Contudo, dentro da Comunidade de Investigação foi detonador de discussões e pensamentos, mesmo que por repúdio e indignação. E se o *Risamento* for um desses modos de pensamento que não tem forma lógica e nem precisa ter?

Pelo andamento, uma desnecessária e morosa tentativa em abdicar de tomar a palavra, e substituir-me pelos meus interlocutores, Lipman, Deleuze, as crianças e tantos outros que foram se agenciando é tentador, e percebe-se mais potente para pensar. O objetivo aqui não é traduzir significado, e, como essa escrita já não me pertence, dentre vários interlocutores, busco os relatos, para afirmar o Riso como mostra de pensamento.

No relato 4 da Comunidade de Investigação Reflexiva: “Mas não rir não deve ser uma regra, porque aí todo mundo vai estar sempre errando!”. Essa fala é interessante porque sugere, pela negativa, que rir permite não errar, acertar, dizer ou pensar algo afirmativo, certo, indubitável. Essa fala merece uma exploração maior, sobretudo porque ela afirma enfaticamente que o rir deve ser permitido, preservado pelas regras. O Riso seria como uma experiência, que regrada, permite que o pensamento exceda a si mesmo, como algo que debela uma condição extraordinária da atividade filosófica, a saber, permite pensar o que não

115 LIPMAN, M. *A filosofia na sala de aula*. 3ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p. 206.

pode ser pensado. O Riso estabelece uma relação imperativa com as regras e com o pensamento.

Em outro sentido, outra frase que é importante lembrar, no relato 6 da Comunidade de Investigação Reflexiva: “É, mas ele fez a palhaçada e foi o único que não riu!”. Aqui o sentido é talvez oposto, mas igualmente interessante; quem fez a palhaçada foi o único a não rir e nesse não rir quem sabe tem também um pensamento; ou seja, as vezes a provocação do Riso pode ir contrária ao pensar e o pensamento está no silêncio do Riso, no não Riso. Há uma tentativa de suspender a razão para forçar um lugar para o Riso. Mas o Riso só tem lugar porque a razão o aprova. Ser ou não ser, optar entre a participação ou não da razão no Riso. O Riso como a marca distintiva, com equivalência ao pensamento pela ausência dele. O pensamento pode estar no fôlego, no intervalo do Riso e ser depois o impulso para rir. O Riso como indício transitório da desrazão. O Riso provocado pela “palhaçada” não tem necessidade de cogitação ou de pensar e ser atento. Não estar alerta, estar distraído é a vertente natural do Riso. Quando se volta à razão a verdade é restabelecida, mas uma outra verdade que não a que o Riso pode promover. É o pensamento solto. Contrapõe-se ao sério porque implica a harmonia perfeita entre o pensamento e a realidade. Rimos porque o absurdo entre o pensado e a realidade nos mostra as limitações do pensamento. Contudo o Riso apreende transformações da realidade e pode derivar do fracasso da razão em arrestá-la.

No relato 4, do 3º momento na Comunidade de Investigação lemos: “Como você pode rir de uma coisa que nem sabe o que é? Isso é coisa de maluco!”. Ali temos a mostra do Riso que sem causa (aparente) é sinal de loucura, isso porque parece não cumprir uma atividade cognitiva. Não obedece à vontade. É voluntário mesmo que coagido. O pensamento é o ato cognitivo que engendra o Riso, põe-se em movimento contra a vontade. O Riso é tão brusco e repentino que não conseguimos descobrir a causa.

4.2. O Riso como instrumento filosófico para pensar o pensamento.

Aqui, resgatando Deleuze, num agenciamento improvável com Lipman e fazendo um acordo prévio, uma declaração sem reticências e sem confusão voluntária: o filósofo francês provavelmente reprovava estar lado a lado com Lipman, a saber, pelo motivo mais gritante: ele era avesso à idéia de comunicação. Já a Comunidade de Investigação, para Lipman, tem um dos seus fundamentos, quiçá o mais edificante, justamente na comunicação. Voltaremos a esse assunto sem sair dele. Deleuze faz uma abordagem que está longe de ser incômoda em revisitar para falar sobre educação, e, no nosso empreendimento, sobre educação para o pensar. Se “contaminarmos” alguns dos conceitos deleuzianos, como, por exemplo, o conceito de agenciamento, teremos uma via de acesso privilegiado para a Comunidade de Investigação de Lipman. Plagiando Zourabichvili, “o que interessa a Deleuze é a idéia de que as contaminações mudam, e a necessidade de pensar os espaços dessas contaminações móveis, que é também o espaço no qual nossa experiência se estrutura e se transforma.”¹¹⁶ O conceito de agenciamento de Deleuze, onde há encontros como o seu com Guattari na escrita, pode ser contaminado e pensado no espaço da Comunidade de Investigação enquanto encontro entre as crianças e a Filosofia. Não há escapatória para esse encontro, que pode até vir-à-ser uma colisão. Deleuze, sobre a comunicação, afirma que: “O filósofo tem muito pouco prazer em discutir (...). A comunicação vem sempre cedo demais ou tarde demais, e a conversação está sempre em excesso, com relação a criar. (...)”¹¹⁷

Claro está que Deleuze descartou o espaço educacional, e a potencialidade da Filosofia nessa cavidade por vezes tão estreita, necessitada de alargamento. As crianças têm relação com os filósofos no seu devir, o devir não é transformar-se em outra coisa, mas elas podem entrar em um devir-filosófico. Contudo elas não podem devir-filósofos. Uma relação entre elas e os filósofos já se deu, ou estes nunca foram crianças? Se o pensamento não foi colocado

116 ZORABILICHVILI, François. Deleuze e a questão da literalidade. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 26, nº 93, p.1309-1321, set.-dez. 2005, p. 1315

117 DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 1993/1, p.41.

em movimento em outro plano que o da solitária discussão consigo mesmo, como se afirmar filósofo? Se, para Deleuze, “não nos falta comunicação, ao contrário, temos comunicação demais, falta-nos criação. Falta-nos resistência ao presente”, isso não significa que é a comunicação que engessa a criação, e é um forte argumento para pensar numa comunicação que libere a criação. A Comunidade de Investigação de Lipman é um lugar em que a Filosofia, que para Deleuze é criação de conceitos, faz por merecer tal definição e não pára de repetir-se em novidades.

Em Deleuze justifico a Comunidade de Investigação quando leio que, chegada à hora de perguntar e responder o que é a Filosofia, precisamos de alguns cuidados:

Mas não seria necessário somente que a resposta acolhesse a questão, seria necessário também que determinasse uma hora, uma ocasião, circunstâncias, paisagens e personagens, condições e incógnitas da questão. Seria preciso formulá-la “entre amigos”, como uma confiança ou uma confiança, ou então face ao inimigo como um desafio (...).¹¹⁸

Então o encontro está marcado: a Comunidade de Investigação de Lipman atende a todas essas necessidades, e mais, já que a comunicação não oferece refúgio para a Filosofia, tanto melhor. Acomodar-se não faz jus à Filosofia. O contentamento da Filosofia, por sua vez, está em não se deixar compreender somente de maneira filosófica, ou seja, “ela se endereça também, em sua essência, aos não-filósofos”¹¹⁹, e, podemos então convidar as crianças? “Há filosofia cada vez que houver imanência, mesmo se ela serve de arena ao âgon¹²⁰ e à rivalidade, (...). Só os amigos podem estender um plano de imanência como um solo que se esquiva dos ídolos.”¹²¹ E, finalmente, o Riso também é bem vindo? Se não de outra maneira, então como maneira não-filosófica de fazer Filosofia?

118 Idem, p. 10.

119 DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 1993/1, p. 57.

120 Âgon é um termo grego, que significa luta, competição, disputa, conflito, discussão, combate, jogo, e que tem as suas raízes na Antiga Grécia onde, anualmente, eram realizadas competições (agones - pl.) desportivas e artísticas.

121 DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 1993/1, p. 61.

Se não duvido da validade do Riso enquanto um modo de pensamento e também como recurso, posso deixá-lo contaminado com os conceitos de cômico, humor, ironia, alegria, etc. e criar um território onde fazer filosofia é criar conceitos, e este lugar já existe, é a Comunidade de Investigação. E lá o Riso e o pensamento se agenciaram, e criamos o nosso conceito: o *Risamento*.

Se “pensar é sempre seguir a linha de fuga do vôo da bruxa”,¹²² então, sejamos o *Ivens* que, “mistura seu riso com o da bruxa no vento solto”.¹²³

122 DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 1993/1, p. 59.

123 Idem, p. 9.

5. Considerações finais, sem a intenção de concluir...

Criançar com o Riso e a Filosofia. Filosofar com o Riso e as crianças. Rir com a Filosofia e as crianças. Entre a Filosofia, o Riso e as crianças há uma cumplicidade geradora e potencializadora, que produz a novidade da Educação.

O caminho, ou desfiladeiro percorrido para afirmar a novidade da Educação começou com as divagações em torno de alguns filósofos que ignoraram e desapareceram o próprio Riso, mas não deixaram escapar com totalidade que o Riso “insinuou-se nas brechas abertas pela filosofia no seio da consciência humana individual”¹²⁴, e esteve presente em muitos movimentos do pensar. O Riso persegue a dúvida, é incerto e não consegue se fixar, até porque se faz interrogação. Nessa perseguição da dúvida, não há como parar, ter lugar. É aonde a certeza deixa uma vaga que o Riso se infiltra e se instala *nomadamente*.

Mesmo que o Riso atualmente “existe para mascarar a perda de sentido”,¹²⁵ é possível pensar que essa máscara é o pensamento, e a atitude de mascarar é o Riso. A perda de sentido e, portanto, de certeza, é positiva e necessária, ainda mais se o sentido que foi dado a esse algo, que aqui diremos ser a Educação, não validar ou interpretar o que se tem ali, e permitir que a Educação vá se esvaziando, esvaindo.

Todavia, não aceitar que o Riso em sua atitude mascara e sim, dá um outro sentido ao que quer que seja parece mais prudente. O Riso tem uma estreita relação com o pensamento, algumas vezes é modo de pensamento, e como vimos no capítulo II, ele já é e pode vir-à-ser *Risamento*.

O Riso na prática de Filosofia entre crianças mostrou-se pensamento, pensamento de outra ordem, que não tem forma lógica única e nem precisa ter, *Risamento*. O *Risamento* pode, no sentido de potência, apresentar a novidade da Educação. Essa apresentação não como algo que ainda não aconteceu, mas, se acontecido, não reivindicou seu status de

124 MINOIS, G. *História do riso e do Escárnio*. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 632.

125 Idem, p. 632.

pensamento. Pensamento no momento do filosofar, em Comunidade de Investigação, criando com a Filosofia.

Sugerimos, modestamente, que o Riso seja incorporado à espinha dorsal de habilidades cognitivas do programa *Filosofia para Crianças*, somando-se assim às habilidades de raciocínio, de questionamento e investigação, de formação de conceitos e de tradução.

6. Referências bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história*. Belo Horizonte: UFMG, 2005/1978.
- ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- ALMEIDA, Jane. *Achados chistosos*. São Paulo: Escuta, 1997.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poética, 1992.
- _____. *Política*. São Paulo: Nova Cultural, 1995.
- _____. *Ética a Nicómaco*. Tradução de António Caeiro. Lisboa: Quetzal, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade média e no Renascimento – O contexto de François Rabelais*. 2ed. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BARRA, Tânia Regina da Silva. *O avesso da costura: Há humor na escola? Contribuições de Mikhail Bakhtin*. Rio de Janeiro: UERJ. Dissertação. (Mestrado).
- BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- CERTEAU, M. de. O riso de Michael Foucault. *Le Débat*, n. 41, set.-nov. 1986.
- COMTE-SPONVILLE. *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*. Capítulo. 17: O Humor. Trad. Eduardo Galvão. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.
- CORDERO, Luis Nestor. El enigma de la risa de Demócrito. *Los Griegos: Otros y Nosotros*. Org. Ana Maria González de Tobia. Colección Diagonios. La Plata: Ediciones Al Margen, s./d.
- CRAGNOLINI, Mónica. Estranhos ensinamentos: Nietzsche-Deleuze. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 26, nº 93, p.1195-1203, set.-dez. 2005.
- DELEUZE, Gilles. *"L'abécédaire de Gilles Deleuze"*. Paris: Éditions Montparnasse, 1997. Vídeo. Editado no Brasil pelo Ministério de Educação, "TV Escola", 2001.
- _____. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988/1968.
- _____, GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995/1.
- _____, GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 1993/1.
- _____. *Crítica e Clínica*. Trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- _____. *Espinosa: Filosofia Prática*. São Paulo: Escuta, 2002.
- _____. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 1992/1972-1990.

- _____. *Proust e os signos*. Trad. de Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- ECO, Umberto. *O nome da rosa*. 22 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1983.
- ESPINOSA, Baruch. *Ética*. São Paulo: Abril Cultural, col. Os Pensadores, 1979.
- _____. *Ética Demonstrada à Maneira dos Geômetras*. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- FRAVE, R. O riso em todo o seu esplendor. *Lumière et Vie*, nº 230, dez. 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- FREUD, Sigmund. *Luto e Melancolia*. (1917) Vol. XIV - SEB. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. *O Humor* (1927) Vol. SEB. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1980.
- _____. *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- GALLO, Silvio. *Deleuze & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- GIANOTTI, José Arthur. Por que filósofo. *Estudos Cebrap*, n.15. São Paulo: Cebrap, jan./fev./mar de 1976, pp. 144-148.
- HARDT, Michael. Gilles Deleuze: *Um aprendizado em Filosofia*. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- HEGEL. *Estética*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultura, 1999.
- INNERARITY, Daniel. *La filosofía como una de las bellas artes*. Barcelona: Ariel, 1995.
- INNERARITY, Daniel. La ironia romântica y su crítica hegeliana. In: _____. *Hegel y el Romanticismo*. Madrid: Tecnos, 1993, Cap. VI.
- IRWIN, William. *Harry Potter e a filosofia: se Aristóteles dirigisse Hogwarts*. São Paulo: Madras, 2004.
- JABLONSKI, Bernardo; RANGÉ, Bernard. O humor é só-riso? Algumas considerações sobre os estudos em humor. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Jul/set. 1984, (36), 133-140.
- JODAR, F. Devir-Criança: experimentar e explorar outra educação. *Educação & Realidade* – v.27, n.2. Jul/dez. Porto alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 2002.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Faculdade do Juízo*. Tradução de Valério Rohden e Antonio Marques. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- _____. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Trad. Paulo Quintela. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- KOHAN, Walter Omar. *Filosofia para Crianças*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- _____. *A infância entre educação e a filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

- KOHAN, Walter Omar ; WUENSCH, Ana. *Filosofia para crianças. A tentativa pioneira de Matthew Lipman*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- KOHAN, Walter Omar; WAKSMAN, Vera. *Filosofia para crianças na prática escolar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- KOHAN, Walter Omar; LEAL, Bernardina. *Filosofia para crianças em debate*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- KOHAN, Walter Omar; LEAL, Bernardina; RIBEIRO, Álvaro. *Filosofia na escola pública*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- KOHAN, Walter Omar; GALLO, Sílvio. *Filosofia no ensino médio*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- KUNDERA, Milan. *Risíveis amores*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças piruetas e mascaradas*. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- LIPMAN, Mathew; OSCANYAN, F.; SHARP, A. M. *Filosofia na sala de aula*. São Paulo: Nova Alexandria, 1998.
- _____. *A filosofia vai à escola*. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1990.
- _____. *O pensar na educação*. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____. *Natasha. Diálogos Vygostkianos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- _____. *Issao e Guga*. (novela filosófica para crianças de 7 e 8 anos), volumes 1 e 2. Tradução de Sylvia Judith Hamburger Mandel. São Paulo: Difusão Nacional do Livro, 1987 (edição revisada e editada em um volume em 1995).
- _____. *Maravilhando-se com o mundo*. (Manual do professor que orienta o trabalho com *Issao e Guga*), volumes 1 e 2. São Paulo: Difusão Nacional do Livro, 1987 (edição revisada e editada em um volume em 1995).
- _____. *Pimpa*. (Novela filosófica para crianças de 9 e 10 anos), volumes 1 e 2. Tradução de Sylvia Judith Hamburger Mandel. São Paulo: Difusão Nacional do Livro, 1987 (edição revisada e editada em um volume em 1995).
- _____. *Em busca do significado*. (Manual do professor que orienta o trabalho com *Pimpa*), volumes 1 e 2. São Paulo: Difusão Nacional do Livro, 1985 (edição revisada e editada em um volume em 1996).
- _____. *A Descoberta de Ari dos Telles*. (Novela filosófica para crianças de 11 e 12 anos), volumes 1 e 2. Tradução de Ana Luiza Fernandes Falcone e Maria Elice de B. Prestes. São Paulo: Interação-Difusão Nacional do Livro, 1987.

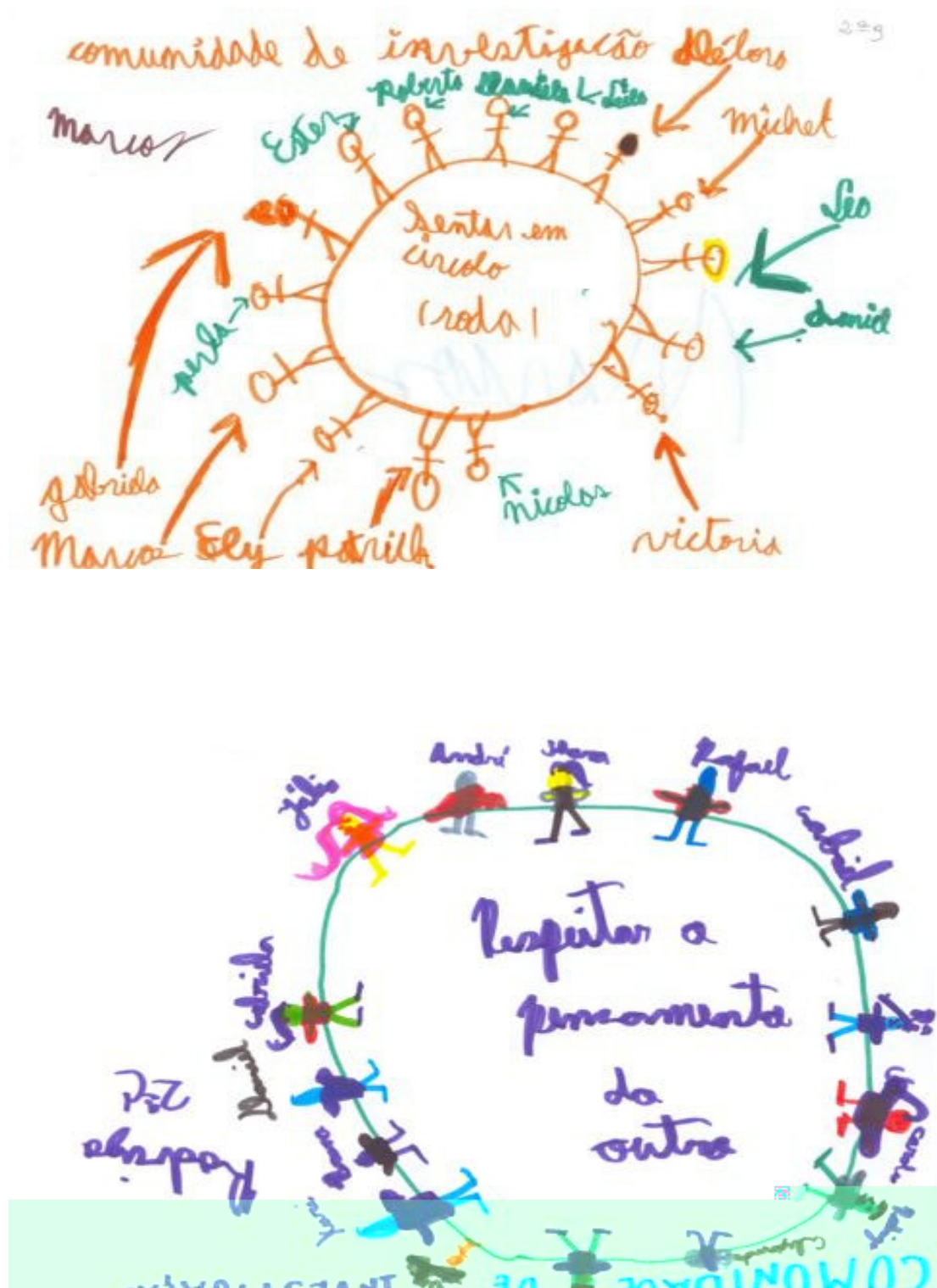
- _____. *Investigação Filosófica*. (Manual do professor que orienta o trabalho com a novela *A Descoberta de Ari dos Telles*), volumes 1 e 2. São Paulo: Interação-Difusão Nacional do Livro, 1988, 2. Ed.
- _____. *Luisa*. (Novela filosófica para crianças de 13 e 14 anos), volumes 1 e 2. Tradução de Ana Luiza Fernandes Falcone. São Paulo: Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças, 1995.
- _____. *Investigação Ética*. (Manual do professor que orienta o trabalho com a novela *Luisa*). São Paulo: Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças, 1995.
- LORIERI, Marcos. *Filosofia: fundamentos e métodos: filosofia no ensino fundamental*. São Paulo: Cortez, 2002.
- MANDEL, Sylvia Judith Hamburger. *Rebeca: manual de instruções*. Tradução de Ana Luiza Fernandes Falcone, Sylvia Judith Hamburger Mandel e Isabel Cristina Santana. São Paulo: Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças, 1996.
- MINOIS, George. *História do Riso e do Escárnio*. São Paulo: UNESP, 2003.
- MIRANDA, Simão de. *Do fascínio do Jogo à alegria do aprender nas séries iniciais*. Campinas: Papirus, 1999.
- PLATÃO. *Diálogos*. Vols. I-IX. Tradução de Carlos Alberto Nunes – 3ª ed. rev. - Belém: EDUFPA, 2001.
- PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992.
- RAMOS, Paula. *Histórias para pensar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- _____. *Filosofia para a formação da criança*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- REED, Ronald. *Rebeca*. (História filosófica para crianças de 5 e 6 anos). Tradução de Ana Luiza Fernandes Falcone, Sylvia Judith Hamburger Mandel e Melanie Wyffels. São Paulo: Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças, 1996.
- FAMECOS - *Mídia, Cultura e Tecnologia* – Porto Alegre – nº 22 – dezembro 2003 – quadrimestral – p.89.
- PHILOS – Revista Brasileira de Filosofia no 1º Grau*. Florianópolis: Centro Catarinense de Filosofia no 1º Grau.
- ROSSETTI, Lívio. *Lê ridicule comme arme entre lês mains de Sócrates et de sés élèves. Lê Rire dès Grecs – Anthropologie du rire em Grece ancienne*. Org. Marie-Laurence Desclos. Collection Horos – Grenoble: Editions Jérôme Millon, 2000. P. 253-268.

- SANTAELLA, Lucia. O riso que fere e seduz. Org. Jane de Almeida. *Achados Chistosos*. 1ed. São Paulo: Escuta, 1998, v. 1, p. 7-9.
- SANTOS, Nilton. *Filosofia para Crianças. Uma proposta democratizante na escola?* São Paulo: PUC. Dissertação. (Mestrado).
- SARDI, Sérgio. *Ula: brincando de pensar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- SHARP, Ann M., SPLITTER, Laurance J. *Uma nova educação*. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.
- SILVEIRA, René José Trentin. *A filosofia vai à Escola?* Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
- SNYDERS, Georges. *A alegria na escola*. São Paulo: Manole, 1986.
- YONNET, Paul. O planeta do riso. Sobre a mediação do cômico. *Le Débat*, março-abril, 1990, n.59.
- ZORABILICHVILI, François. Deleuze e a questão da literalidade. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 26, nº 93, p.1309-1321, set.-dez. 2005.

- b) Desenho do 1º momento da Construção da Comunidade de Investigação.
2º - Passo **amarelo**: Comunidade de Investigação como um lugar seguro.



c) Desenhos do 1º momento da Construção da Comunidade de Investigação.
3º - Passo verde: Construção da Comunidade de Investigação.



d) Fotos do 3º momento da Comunidade de Investigação.
Passo: Afinal, o que é Filosofia?



e) Cenas do filme do 3º momento da Comunidade de Investigação.
Passo: Afinal, o que é Filosofia?



Patch só vê quatro dedos.



Insiste para que Patch olhe novamente.



Patch consegue ver oito dedos.

f) Desenhos que promoveram a Comunidades de Investigação Reflexiva sobre o Riso.



Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)